



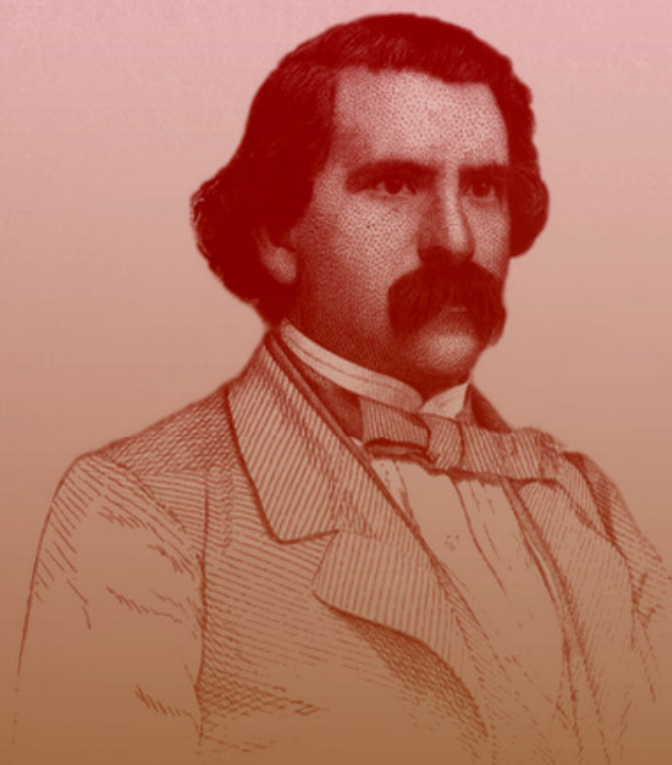
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



João de Andrade Corvo
O Astrólogo



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

O Astrólogo

João de Andrade Corvo

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1859.

Livro Digital nº 872 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

João de Andrade Corvo

(1824 - 1890)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O ASTRÓLOGO

DRAMA EM CINCO ATOS



PERSONAGENS:

FR. BERMUDO
D. MENDO PAIS
D. AFONSO (o Infante)
D. PEDRO FRAMARIZ
D. JOÃO PECULIAR (o Bispo)
D. TELO (prior de Santa Cruz)
D. GONÇALO MENDES
D. EGAS MONIZ
D. LOURENÇO VIEGAS
D. GONÇALO DE SOUSA
D. SOEIRO VIEGAS
JOÃO SIRITA (ermitão)
D. BIBAS (bobo)
D. BONAMIZ (bobo)
D. GONTRADE
D. VIOLANTE
D. GUILHERME RICARDO
UM JUDEU
UM TEMPLÁRIO

Ricos homens, templários, cavaleiros, damas, homens de armas, frecheiros e besteiros.

ATO I

Um campo junto à pousada de D. Pedro Framariz, no Burgo de Guimarães.

CENA I

Entram Besteiros, e Homens de armas de D. Pedro Framariz, trazendo um Judeu preso com uma corda.

PRIMEIRO BESTEIRO

Anda perro judeu... anda; vamos, e depressa, que o teu sangue, e a tua pele hão de tornar-se hoje em bons e finos maravedis.

SEGUNDO BESTEIRO

Olá! — O nosso amo bem sabe os meios de lh'os fazer sair do corpo. — Bons meios, e que nunca falham. Uma tenaz de ferro em brasa, uma boa corda de esparto, e às vezes um cajado de zambujeiro, bastam para fazer de um judeu um saco de ouro.

PRIMEIRO BESTEIRO

E agora sobre tudo, que os maravedis são tão necessários, o Sr. D. Pedro há de empregar os bons meios para tirar prata e ouro do corpo deste judeu. Daqui a uma hora partimos, para andarmos por lá, Deus sabe quanto tempo.

SEGUNDO BESTEIRO

Não nos há de faltar nada. Nos recontros com os mouros sempre se ganha alguma coisa. Uma fossada pelo Al-Gharb há de dar para senhores e vassalos. Até nós, pobres besteiros, havemos de apanhar algumas migalhas do que der a conquista.

PRIMEIRO BESTEIRO

E nesta correria então!... Dizem que são tão ricas essas terras de Alentejo!

SEGUNDO BESTEIRO

E que o não fossem! Para nós homens de armas de D. Pedro Framariz sempre há que apanhar.

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS

Hei de trazer este meu lorigão forrado de ouro.

SEGUNDO BESTEIRO

E a alma de indulgencias.

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS

Também, e porque não? Lá vai o nosso Infante para as ganhar...

PRIMEIRO BESTEIRO

E tem razão. — E ele dêz que a mãe lhe morreu anda triste, e a cismar sempre. A mãe, a Sra. D. Tereza, era uma brava mulher. Vi-a muita vez, nas guerras com os leoneses, ao lado do conde Fernando Perez, caminhar para o inimigo como um homem.

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS (*em voz baixa*)

Foi o Infante D. Afonso Henriques quem a matou. — Aquela prisão... e depois aquele desterro...

SEGUNDO BESTEIRO

O Sr. Infante não a matou. Cá a mim parece-me que ele fez o que devia. Portugal ia-se pela água abaixo se fica mais tempo nas mãos de uma mulher.

PRIMEIRO BESTEIRO

Palavras inúteis... e perigosas! — Vamos levando este maldito judeu para a pousada do Burgo, e deixemos o resto que nos não importa.

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS

Não tem pressa. Nosso amo está ainda com o Infante e outros cavaleiros a ouvir a missa no mosteiro de Mumadona.

PRIMEIRO BESTEIRO

Qual?! Está já de volta, de certo. Daqui a pouco partimos.

SEGUNDO BESTEIRO (*puxando pelo judeu*)

Vamos, vamos. (*Ao 1º homem de armas*) Garcia, faz andar este excomungado. Para que te servem esses braços, senão é para dar nos judeus e nos cães da moirama?

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS (*dando no judeu*)

Tem os ossos de ferro estes judeus, não quebram nem pelo diabo!

JUDEU

Deixai-me... deixai-me. Tende dó de mim, senhores besteiros.

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS

Dá-nos um pouco de teu ouro, judeu.

JUDEU

Sou pobre... um miserável... Não tenho nada.

PRIMEIRO BESTEIRO

Vai dizer isso a D. Pedro, ele te fará mudar de opinião. Mete-te num forno, vivo, para ver se de lá saís mudado em barra de ouro.

JUDEU

Deixai-me... que ele mata-me; mata-me de certo.

ALGUNS BESTEIROS

Uh! uh! maldito judeu.

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS

Hás de ser assado vivo.

JUDEU

Deus de Jacó, salvai-me!

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS

Vamos, que ali vem Fr. Bermudo.

PRIMEIRO BESTEIRO

O feiticeiro... o mágico.

JUDEU (*a Fr. Bermudo*)

Salvai-me... Salvai-me!

CENA II

Os mesmos, e Fr. Bermudo.

FR. BERMUDO

Esperai... onde ides? Onde levais esse miserável judeu?

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS

Foi nosso amo, D. Pedro Framariz, que nos mandou que o levássemos...

FR. BERMUDO (*colérico*)

Para o roubar, para o atormentar. — Deixai-o...

SEGUNDO BESTEIRO

Um judeu...

FR. BERMUDO

Um judeu também é homem. — Deixai-o.

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS

Mas D. Pedro há de querer saber porque nós lhe não obedecemos.

FR. BERMUDO

Dizei-lhe que fui eu.

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS (*com hesitação*)

Mas...

FR. BERMUDO (*com cólera*)

Já disse.

PRIMEIRO BESTEIRO (*baixo aos outros*)

O mágico dá-nos mau olhado, se lhe resistirmos, e ficamos perdidos... O melhor é deixar o judeu.

TODOS

Deixemo-lo. (*Deixam o judeu*)

PRIMEIRO HOMEM DE ARMAS

Vamo-nos... depressa.

PRIMEIRO BESTEIRO

Deus tenha dó de nós. O que dirá D. Pedro Framariz?

SEGUNDO BESTEIRO

É hoje, talvez, o fim da nossa vida.

(Saem)

CENA III

O judeu e Fr. Bermudo.

JUDEU *(caindo de joelhos)*

Quero agradecer-vos de joelhos.

FR. BERMUDO

Vai-te... salva-te. — Não ponhas em mim essas mãos.

JUDEU

Consenti que vos beije os pés, que me prostre diante de quem pode e sabe escrever o destino dos homens...

FR. BERMUDO

Foge... Vai-te, se não queres outra vez cair nas mãos daqueles homens de armas.

JUDEU

Sois o maior homem da terra! *(Sai)*

CENA IV

Fr. Bermudo (só).

FR. BERMUDO (*rindo*)

O maior homem!... Sou o maior homem, sou, porque padeço mais que os outros. A dor moral é que distingue o homem da fera. (*Pausa*) Ler o futuro nos astros, ler as paixões no coração; ter segredos que dão vida, e segredos que matam... — Que tem?! O futuro é um martírio que me assusta; as paixões que escondo neste coração são cruéis e negras. Se esta vida durasse uma eternidade, seria uma vida maldita... E depois da vida a morte!... Morrer sem ter sido amado, sem ter recebido um afago... sem ter a esperança de ouvir, mesmo quando já envolvido nas profundas trevas do sepulcro, um grito de saudade que me acorde!... De que serve a ciência?... E o que é ela, essa ciência que não pode vencer o destino, nem sequer descobrir as leis eternas que o regem? De que me serve o saber?... Tenho mais dores que os outros homens, e menos fé... — Mendo... O meu Mendo, o meu amigo, o meu filho, — porque lhe quero como se ele fora meu filho, — como o hei de salvar?... E Violante, esse anjo, que eu... cujo nome me faz alegria e terror... — como os hei de separar, esses corações que o amor e a mocidade atraem um para o outro, e que o destino separa por um abismo! (*Pausa — apontando para os astros*) Está escrito... está tudo escrito nos astros... — É fatal! (*Cruza os braços e fica meditando*)

CENA V

D. Mendo e Fr. Bermudo.

D. MENDO (*vendo Fr. Bermudo*)

Aqui, Fr. Bermudo!

FR. BERMUDO

Esperava por ti, D. Mendo.

D. MENDO

Por mim?... Neste sítio? Agora?

FR. BERMUDO

É aqui que te deves despedir da filha de D. Pedro Framariz.

D. MENDO

De Violante... Quem te disse?

FR. BERMUDO

Soube que vinhas, e vim. Não foste ontem pedir-me que consultasse as estrelas, a conjunção dos astros para saber o teu futuro? Passei a noite a estudar o céu, e é o que nele li que eu te venho dizer agora.

D. MENDO

Que te disseram os astros?... Há de ser minha?... Há de me ter sempre muito amor?... Seremos felizes?...

FR. BERMUDO

A tua estrela tocou o zênite, quando o Féretro se alevantou sobre o horizonte, acompanhado das três Carpideiras; ao mesmo tempo que a irradiação de Neyman se extinguia, a de Sehedir tornou-se mais brilhante...

D. MENDO

O que quer dizer tudo isso?

FR. BERMUDO

Não o queiras saber; deixa os astros guardarem os seus segredos tenebrosos. Mas foge destes lugares; vai buscar a glória nos campos da batalha... foge, foge do teu negro destino... se ao homem é possível fugir ao destino.

D. MENDO

Fala. Diz-me a verdade. Tenho ânimo para tudo. O que quer dizer essa disposição dos astros?

FR. BERMUDO

Quer dizer que a vida há de ser uma vida de padecimento; que a morte há de separar-te da que amas; que depois terás a glória...

D. MENDO

Cala-te... — Sem ela... que me importa o resto?

FR. BERMUDO

Abumachar Giafar não se enganou nunca ao ler no livro do céu... e eu leio pelo seu livro.

D. MENDO

Não pode ser... Não. Se Violante morrer, morrerei com ela.

FR. BERMUDO

A tua estrela não se apagou. — Serás grande e forte.

D. MENDO

O destino não se pode opor a que eu busque a morte no meio das falanges sarracenas.

FR. BERMUDO

Tudo pode o destino!

D. MENDO

Salva-me... Cala-te... Muda isso tudo...

FR. BERMUDO

O que os astros escrevem no seu mudo caminhar pelo céu, não o podem os homens apagar.

D. MENDO

Fr. Bermudo, algum demônio fala pela tua boca.

FR. BERMUDO

O teu sangue de pajem está ainda muito ardente. — Mendo, sou teu amigo, sou, e deveras. Talvez o não devesse ser... mas sou-o... Mendo — Entre ti e Violante há um abismo.

D. MENDO

Hei de transpô-lo.

FR. BERMUDO

Não, porque é vasto, imenso; porque no fundo ferve e rugem um pélogo de sangue.

D. MENDO

Enganou-te a ciência... Não é, não pode ser verdade o que dizes.

FR. BERMUDO

Nem a mão de Deus, pode apagar o passado.

D. MENDO

Padre, conheces um tremendo segredo... É meu esse segredo; quero sabê-lo.

FR. BERMUDO

Sei... coisas que não posso dizer... tenho medo de as pensar... que me acusam, que me condenam.

D. MENDO

Mas... — Fr. Bermudo quero o meu segredo.

FR. BERMUDO

Deixa... esquece esse amor. Não queiras, saber um segredo, que te manchará o viço da alma; que te fará envelhecer o coração, caírem mortas a esperança e a fé, mal ele tocar o teu pensamento, que desconhece ainda até onde pode chegar a perfídia dos homens.

D. MENDO

Esquecer este amor? — Este amor é... — Não te posso dizer, não me intenderias, padre.

FR. BERMUDO

Quem sabe!... Os mistérios do coração são de Deus?!... Pode ser que vão com o corpo à cova, para lá ficarem fechados; por que Deus na sua infinita misericórdia talvez os queira extinguir, com tudo quanto há de impuro no homem.

D. MENDO

Ai! que dor, que dor esta minha!... Sou o maior desventurado da terra!

FR. BERMUDO

Quem pode dizer que o é? — Tu, Mendo, na tua vida tão curta, já escutaste o palpar de um coração que batia por ti. — Tens uma esperança... Amanhã serás cavaleiro, depois serás senhor de honras e castelos, depois terás um nome, uma glória. Tens um futuro, Mendo... e nesse futuro?... Deus há de compadecer-se de ti que és bom e puro.

D. MENDO (*coabrindo o rosto*)

Sem Violante!... Jesus, meu Deus!

FR. BERMUDO

Há homens a quem a fatalidade acompanha desde o berço, e em cuja alma sempre em trevas, não caiu uma esperança... Nem mesmo já nasce um desejo.

D. MENDO

Fr. Bermudo, não tens nem piedade, nem comiseração nessa tua alma... Nunca te fiz mal, para que assim me lances na desesperação.

FR. BERMUDO

Querias saber o futuro, li nos astros, e disse-te.

D. MENDO

Não te creio... — Mentem os astros... — Violante!... Não a perderei, não... Nem este amor também, que é do céu; que nasceu entre os anjos!... Ela não pode tardar. — Deixa-me... Quero ter esperança; estar alegre. — Vai-te. Vai-te, que te não veja ela, feiticeiro agourento e mau.

FR. BERMUDO

Deus tenha dó de nós... de todos nós! (*Sai*)

CENA VI

D. Mendo e depois D. Violante.

D. MENDO

Virgem Maria, tirai-me da alma estes dolorosos pensamentos, ponde-me o sorriso na boca e a esperança no coração, para que um dos vossos anjos não sofra.

D. VIOLANTE (*entrando agitada*)

Mendo, que tendes? O que é isso que vos aflige. D. Mendo?

D. MENDO

Minha Sra. D. Violante!... Não quisestes deixar-me partir sem vir lançar-me a força no coração.

D. VIOLANTE

Estais agitado, sobressaltado! Que vos dizia aquele frade, Fr. Bermudo?

D. MENDO

Nada... Não me dizia nada. Viestes, D. Violante, e na presença de um anjo as palavras de um louco devem esquecer-se. Ai! Violante, quanto vos agradeço o que fizestes por mim! Se partisse para a guerra, sem vos ter falado do meu amor, e sem ter ouvido dessa boca uma palavra de esperança, parece-me que me deixava morrer por lá. Este amor é a minha vida!

D. VIOLANTE (*com embaraço*)

Saí da pousada, saí... Nem eu sei... que importa? (*Com ternura*) Procurava o perfume das flores, e vim para este lado... parecia-me que tinha nascido aqui uma flor, que eu só devia colher...

D. MENDO

A flor da esperança?

D. VIOLANTE (*coibrindo a cara*)

A do amor... Enganei-me, meu pagem?...

D. MENDO

Não. (*Apontando para o peito*) Essa vive aqui, sempre bela, sempre doce, e perfumada. E é da minha querida Violante.

D. VIOLANTE (*seria*)

Vinha para aqui, e vi Fr. Bermudo falar convosco... que vos dizia ele?

D. MENDO

Loucuras, sonhos de uma cabeça cheia de ilusões!

D. VIOLANTE

Leu nos astros o futuro dos nossos amores? Que lhe disseram os astros?

D. MENDO

O que nos importa a nós isso tudo? (*Levando-a para um assento de pedra*) Vinde assentar-vos aqui; e eu vou pôr-me de joelhos, para vos adorar como a um anjo, como a uma santa que sois... Amo... amo-te... ia dizer uma blasfêmia, Violante, ia falar-te como só a Deus se deve falar; mas é porque no mundo não há com que se compare este amor!

D. VIOLANTE (*brincando, mas com muita ternura*)

Mas se esse amor mudar?... O coração dos pajens é como as borboletas, foge sempre de flor em flor.

D. MENDO

Mas este meu!... Que tesouro possui ele agora! Vós bem sabeis que este meu amor não mudará... Não pode mudar. — E depois tudo em roda de nós está alegre, tudo parece falar-nos de felicidade.

D. VIOLANTE

Amanhã, daqui a horas, já não estaremos juntos. E os perigos da guerra...

D. MENDO

Vou deixar-vos, mas para voltar cavaleiro, para ter uma espada, para ter um nome, que seja mais digno de vós, do que o do obscuro pajem.

D. VIOLANTE

Mendo!

D. MENDO

Ó Violante, D. Violante não esqueçais nunca esta hora de imensa felicidade!

D. VIOLANTE

Nunca.

D. MENDO

Sereis minha? sempre minha?

D. VIOLANTE

Serei.

D. MENDO

Amais-me?

D. VIOLANTE

Mais que tudo!

D. MENDO (*ficando triste*)

Este amor será para nós uma benção do céu... será. — É de certo.

D. VIOLANTE

Estais outra vez triste. Lembram-vos as predições de Fr. Bermudo? Que disse ele?

D. MENDO

Que importa o que ele disse? O nosso amor vem de Deus, só Deus o pode destruir.

D. VIOLANTE

Dizei a verdade Mendo... Não tenho medo, como vedes... Dizei; que o coração já adivinhou tudo.

D. MENDO

Para que quereis?...

D. VIOLANTE

Dizei.

D. MENDO

Disse... que não seríamos nunca um do outro... Que o destino nos separava para sempre.

D. VIOLANTE (*deixando-se cair de joelhos ao lado de D. Mendo*)

Virgem Nossa Senhora, valei-nos!

D. MENDO

Separar-nos!... Agora, que a tristeza nos cobriu de trevas, e que começávamos a sentir os amargores da saudade... Separarmo-nos agora!

D. VIOLANTE

Deixar-te...

D. MENDO

Não chores... Minha Violante!

D. VIOLANTE

Esta guerra!... Esta ausência!...

D. MENDO

O amor... O amor unirá as nossas almas, quando eu estiver longe, lá por esses sertões do Al-Gharb.

D. VIOLANTE

Cada noite procurarei na luz das estrelas um desses teus olhares de amor, que são mais suaves para mim do que os clarões mais puros de um céu sereno e belo.

D. MENDO

Cada tarde escutarei no silêncio dos bosques o brando gorjear das aves, para ver se na voz de alguma delas distingo um dos teus castos suspiros.

D. VIOLANTE

Ai! Se te eu perdesse...

D. MENDO

Quando voltar, seremos um do outro, para sempre!

D. VIOLANTE

Sinto gente! Adeus

D. MENDO

Violante!... (*Caem nos braços um do outro*)

D. VIOLANTE

Sou tua!... Adeus.

D. MENDO

Adeus. (*D. Violante sai*)

CENA VII

D. Mendo, D. Bibas e Bonamiz.

D. BIBAS (*cantando o que se segue*)

Por que choras

Pajem terno?

Teu inferno

Não melhora.

Trá — lira.

(Cantando e rindo)

Ah! Ah! Ah!

D. MENDO

Tu aqui?... aqui D. Bibas... Quem te trouxe aqui, bobo?

D. BIBAS *(apontando para Bonamiz)*

Foi ele.

D. MENDO *(a Bonamiz)*

Tu?

BONAMIZ *(apontando para D. Bibas)*

Foi ele.

D. BIBAS *(cantando)*

Uma bruxa nos guiou.

BONAMIZ *(cantando)*

Um diabo nos mandou.

AMBOS *(cantando)*

Segredos do coração

Mui grandes segredos são.

BONAMIZ

Ahn!

D. BIBAS

Ahn!

BONAMIZ

Ahn!

D. MENDO

Que viste, D. Bibas? — Que ouviste Bonamiz?

D. BIBAS

Vi-te dar um abraço... e tive inveja.

BONAMIZ

Ouvi dizer à mais linda dama das Espanhas, que te amava... e desejei estar-te na pele.

D. MENDO

Nada mais...

D. BIBAS

Ah! — Ouvi dizer, que os astros te tinham declarado a guerra; que a morte... — Que importa isso, a quem ama?

D. MENDO

Que importa?...

D. BIBAS

O amor é sempre assim. Nunca viste as crianças brigarem por uma borboleta, que morre e se desfaz apenas o vencedor lhe toca?

D. MENDO

Mas...

D. BIBAS

Pois as felicidades são como as borboletas; e os homens como as crianças. — Mas de todas as felicidades, as do amor são as que menos duram, e de todos os homens os mais ridículos... são os amantes.

D. MENDO

Deixa agora essas chocarrices. — Escutai, ambos. — Se disserdes a alguém o que acabais de ver e de ouvir, arrancar-vos-ei olhos e língua... a ambos.

D. BIBAS

Com a espada de cavaleiro, que ainda hás de ganhar?

D. MENDO

Juro...

D. BIBAS

Não jures, que não é *preciso* para nada. (*Sério*) pajem namorado, somos vossos amigos, e não podemos deixar, com a nossa magnanimidade real, de vos dizer um segredo... que segredo!

D. MENDO

O que é?

D. BIBAS

Pois deveras quereis saber.

D. BIBAS (*cantando*)

Não hás de casar

Não casarás, não.

Hás de Dom Bulrão,

Solteiro ficar.

D. MENDO

Maldito!

D. BIBAS (*cantando*)

De profundis clamavi ad te...

D. MENDO

Bobo, bobo!

BONAMIZ

Assim cantam os padres, quando morre alguma cousa, que para nada presta. — Não te encolerizes; cantamos sobre as tuas defuntas esperanças. (*Cantando*) *De profundis clamavi...*

D. MENDO (*ameaçando-os*)
Excomungados bobos!...

D. BIBAS (*rindo*)
Aí vem nosso tio, o infante.

AMBOS OS BOBOS (*fugindo*)
Adeus! adeus!

CENA VIII

D. MENDO (*só*)
Tudo para mim é um agouro!... agouro mau! As palavras da meditação, as gargalhadas do escárnio... tudo! Que segredo tenebroso será este, que me envolve e me aterra? Minha mãe também sabe este segredo; é essa a causa daquela tristeza, daquela dor sem consolação, daquele luto em que sempre vive. Tenho ouvido por vezes falar em meu pai morto... Nas trevas de uma noite horrenda; numa vingança infame que veio um dia manchar de sangue e de vergonha a nossa casa. Mas que história pavorosa é esta de que eu ainda não pude penetrar o mistério? Quem foi o assassino de meu pai? Qual é a família contra a qual a honra me ordena de exercer uma implacável vingança? Não sei, nada sei, porque minha mãe só quando eu for cavaleiro me julga digno de saber este fúnebre segredo. Fr. Bermudo, o frade solitário, o astrólogo que vive na isolamento, também conhece os segredos da minha família, que eu ignoro ainda, e não m'os quer dizer.

CENA IX

O mesmo, o Infante, D. Gontrade, D. João Peculiar, D. Telo, D. Gonçalo Mendes, D. Egas Moniz, D. Lourenço Viegas, D. Guilherme Ricardo, D. Gonçalo de Sousa, cavaleiros, ricos homens, homens de Armas, frecheiros, besteiros etc. depois D. Pedro Framariz.

INFANTE (*a D. Mendo*)

Tu aqui, Mendo?

D. MENDO

Esperava por vós, meu Sr. Infante...

INFANTE

Não vieste ouvir missa conosco ao mosteiro de Mumadona?
(*Mostrando D. Gontrade*) Tua mãe foi também... para te ver.

D. GONTRADE

E para pedir a Deus pela boa sorte das armas do reino de Portugal.

INFANTE

Que vosso marido D. Paio Ramires ajudou a criar, e fortaleceu com a sua espada gloriosa.

D. BIBAS

Pois o filho, o nosso pajem D. Mendo estava agora a afiar a sua futura espada de cavaleiro.

BONAMIZ

E a fazer brilhantes projetos sobre a maneira de usar dela.

D. LOURENÇO VIEGAS

Calai-vos aí, bobos.

D. BIBAS (*ao infante*)

Queremos e podemos falar aqui, não é assim, tio?

INFANTE (*aos pajens*)

Fazei calar esses bobos. (*Os pajens levam os bobos*)

D. MENDO (*beijando a mão de sua mãe*)

Senhora mãe, minha senhora...

D. GONTRADE

Meu filho, não foste despedir-te de mim, vim eu.

D. MENDO

Não julguei que partiríamos tão depressa... (*Abraçando-a*) Minha mãe, minha querida mãe perdoai.

INFANTE

De certo te perdoará... D. Gontrade há de perdoar ao valente pajem, que vai ganhar nas batalhas a sua espada de cavaleiro, e ajudar-nos a acrescentar à terra, que seu pai defendeu e fez independente, novas províncias, com as quais o nome de Portugal se tornará temido em toda a Espanha.

D. GONTRADE

Meu filho! (*Ficam abraçados*)

INFANTE (*aos cavaleiros*)

Só nos falta D. Pedro Framariz, para termos em roda de nós todos os bons cavaleiros, que estão em Guimarães. Esperaremos por ele aqui; depois partiremos para Coimbra onde está o restante de nossos ricos homens... Estas lides, que vamos lidar, senhores, hão de ser rijas; carecemos para elas de toda a nossa força. É esta uma correria, que há de ficar de memória aos mouros.

D. EGAS MONIZ

Nossa Senhora que sempre desde pequeno vos protegeu, e que vos prometeu tantas vitórias, não vos há de desamparar nunca, meu Sr. Infante.

INFANTE

Assim seja, meu leal Egas Moniz. Companheiro das vitórias ganhas por o conde D. Henrique, ensinar-me-ás a ganhar batalhas como meu pai as ganhava.

D. JOÃO PECULIAR

O céu protege as armas dos portugueses.

D. GONÇALO MENDES

Conservai-nos pois essa proteção com as vossas orações, Sr. D. João Peculiar; que nós, ricos-homens e cavaleiros, aproveitar-nos-emos dela para derribar com as nossas espadas o poder dos infiéis — a vossa força, senhores bispos e prelados, está toda no céu; a nossa está na terra, apoia-se na fé, e nas armas.

INFANTE

Sois avisado, meu lidador. (*Aos prelados*) Vós, senhores orai por nós. D. Telo, dizei aos vossos monges de Santa Cruz que façam noite e dia preces, para que o Senhor nos tenha da sua mão. (*Aos cavaleiros*) E vós, cavaleiros, desenrolai os vossos balsões, reuni nas vossas hostes todos os homens que tendes nas Honras, Prestamos e Senhorios que ganhastes; cingi as vossas espadas mais duras, tende confiança na cruz que é a nossa divisa, e atravessaremos, então, essas terras de Além do Tejo, e lançaremos sobre elas o nosso domínio.

TODOS

Aos infiéis! aos infiéis!

D. EGAS MONIZ (*pegando na mão do infante e beijando-a*)

Meu senhor meu amo, deixai-me beijar-vos as mãos, deixai o vosso aio Egas admirar-vos... Sois um grande príncipe... Haveis de ser um grande rei!

TODOS

Viva D. Afonso! Viva o nosso príncipe!

ALGUNS

Viva o nosso rei!

D. GUILHERME

A minha espada, e a de todos os templários é vossa. Infante de Portugal, a guerra contra os infiéis, aqui na nossa terra, é tão santa aos olhos de Deus como a feita nessas longes terras da Palestina.

D. LOURENÇO VIEGAS

A minha espada é tua, Infante de Portugal.

MUITOS CAVALEIROS

E a nossa.

INFANTE (*alevantando os braços ao céu*)

Senhor, a nossa fé é imensa! Senhor, não enganeis a nossa confiança!

D. MENDO (*caindo aos pés do infante*)

Dai-me uma espada, Sr. Infante... Quero combater convosco... Quero morrer, ou ser digno da minha pátria! Digno do nome que meu pai me legou!

INFANTE

Ganha a espada no campo da lide, que a hás de amar ainda mais.

(*D. Pedro Framariz entra com os seus acostados, e para ao fundo*)

ALGUNS CAVALEIROS

D. Pedro Framariz!

D. GONTRADE (*pondo as mãos sobre a cabeça de seu filho*)

Ganha a tua espada, e então te confiarei o segredo da nossa família, é uma terrível vingança.

D. PEDRO FRAMARIZ

Perdoai, senhora, que Deus também perdoa!

ATO II

CENA I

O infante, em pé encostado à espada, D. Egas Moniz, o Lidador, D. Mendo, D. João Peculiar e cavaleiros D. Gonçalo de Sousa, D. Telo.

D. JOÃO PECULIAR

É tentar a Deus, só por milagre poderíamos vencer tão grande multidão de inimigos. Ismael tem em roda de si cinco walis, e um poderoso exército.

D. GONÇALO DE SOUZA

As hostes de cinco walis! Mais de cem mouros para cada um de nós. Eu tenho feito muitas correrias, talado por muitas vezes os campos dos infiéis; mas esta batalha que se prepara, tenho-a por uma temeridade, por uma loucura. Se perdermos a batalha, e com ela o nosso infante de Portugal, quem há de defender a nossa independência?

D. TELO

Os campos estão cobertos de soldados sarracenos, é um mar de lanças que nos há de quebrar nas suas ondas.

D. GUILHERME

Morremos pela cruz.

JOÃO SIRITA

Senhor infante nasci no povo e padeci; fui homem de armas e combati, vivi na solidão, orando a Deus, e mais de cem vezes lutei com as feras. O Senhor fez por mim grandes milagres, e a minha fé é imensa como o deserto: — morreria feliz se morresse por ela! — Porém agora o combater seria matar este reino, numa só lide, o que o conde D. Henrique ganhou em tantas, e tão rijas pelejas.

JOÃO PECULIAR

João Sirita, o escolhido do céu, tem razão; combatemos pela cruz, para lhe exaltar a glória, e não para deixar a vitória aos seus inimigos. (*Com solenidade*) Eu D. João Peculiar, humilde servo de Deus, e bispo por sua Divina Graça, em nome da religião te requeiro que não combatas em lide tão desigual, porque nela nos perderias a todos.

GONÇALO DE SOUSA

Tratai tréguas com Ismael...

LIDADOR

Tréguas com Ismael... Seria acrescentar ao perigo a cobardia; o rei mouro não guardaria a sua fé.

ALGUNS CAVALEIROS

Não, não pelejemos.

D. TELO

Salvai a cruz.

UM PRELADO

Salvai a cruz Sr. infante.

INFANTE

Agradeço-vos, senhor o vosso amor por mim, e o desejo que tendes de que estes condados se conservem livres e gloriosos. — Estamos cercados de perigos, e só um conselho avisado nos pode salvar. Deixai-me meditar, e resolver o que devemos fazer nesta conjuntura difícil e grave. Ide-vos: e que Deus vos tenha em sua santa guarda.

(Saem todos exceto o lidador, D. Egas Moniz, D. Telo e D. Mendo)

CENA II

(O infante, D. Telo, Egas Moniz, o Lidador, D. Mendo).

D. EGAS

Que quereis fazer senhor? É, como dizeis, grave e difícil a situação em que nos achamos. Eu fio tudo da vossa prudência, que é muito já em tão verdes anos; do vosso ânimo; e do amor que tendes a Portugal. Deus vos inspirará o melhor conselho.

LIDADOR

Que resolveis, Sr. infante?

INFANTE

Combater e vencer.

D. TELO

O número dos inimigos é sem conto. — Vencer é impossível.

INFANTE

Morreremos então, pela fé, pela religião de Cristo, e pela pátria. Mas não morreremos, que me advinha o coração. Deus tem protegido até hoje este pequeno canto das Espanhas que de meu pai herdei. Quando todos os reinos das Espanhas veneravam como Sr. Afonso VII, combatíamos nós entre Galiza contra o poderoso imperador, e ganhávamos em Cerneja uma bela vitória. Se hoje a nossa independência se acha comprometida, pelo tratado que assinámos em Tuy: se estamos quase como vassallos de Afonso VII, esse estado acabará logo que ganharmos uma batalha sobre os sarracenos. Chegou o momento de ganharmos essa batalha. Amanhã; pôr-nos-emos independentes do imperador, e talvez acrescentaremos mais uma província a Portugal.

D. TELO

Cinco chefes inimigos...

INFANTE

Tantos quantas foram as chagas de Cristo Senhor Nosso. Nesses blasfemadores vingaremos a fé.

LIDADOR

Apressemos a hora do combate. Lidemos rijamente, que havemos de vencer.

INFANTE

Vai, meu lidador: manda reunir o exército; que quero falar a todos, enchê-los de fé, acender-lhes nos corações uma santa coragem. (*O Lidador sai...* — *A D. Mendo*) Meu pajem, dá-me o escudo e a lança: (*D. Mendo dá-lhos*) Manda-me ajaezar o meu cavalo de batalha. (*D. Mendo sai*) Deus seja comigo nesta hora, e me fale ao pensamento.

EGAS MONIZ

Nesta sangrenta batalha, achar-me-ei ao vosso lado, como sempre, meu príncipe, para receber por vós os golpes do inimigo.

INFANTE

Meu Egas... meu amigo... Não tenho ninguém com quem possa desabafar os amargores desta existência senão tu.

EGAS MONIZ

Tendes-nos a todos... Uma família imensa que vos ama.

INFANTE (*com exaltação*)

Salvemo-la. Salvemos essa família com a nossa espada, e a nossa fé.

D. MENDO (*entrando*)

Está tudo pronto. — Esperam o Sr. infante todos os cavaleiros reunidos...

INFANTE

Amanhã estarás entre eles; terás uma espada ganha por ti, Mendo. — Vamos, senhores.

(*Sai com Egas Moniz, e D. Telo*)

CENA III

D. Mendo, só.

D. MENDO

Serei cavaleiro!... terei uma espada, e com ela a minha Violante... a glória!... um nome igual ao de meu pai! — Ser admirado por ela; ter um nome entre os nomes ilustres... Combater por D. Afonso, pelo meu infante... que glória, que felicidade! Ai! Violante, Violante! — (*Triste*) Violante... longe de ti! Violante não esqueças o amor, que é a vida deste coração. Quando penso na ventura de viver com ela, de lhe chamar esposa, sinto subitamente o terror esfriar-me todo.

Aquelas palavras sinistras do Astrólogo, de Fr. Bermudo, e aquela vingança de que minha mãe me falou levantam-se diante de mim como espectros medonhos, que me querem roubar a minha Violante! Que importam as palavras desvairadas de um bobo... os vaticínios dos astros? Que importa isso tudo? Deus não pode querer a desgraça de quem nunca cometeu um grande crime, de quem nunca o ofendeu! (*Pausa*) Ai! perdê-la!... (*Fica pensando*) Morrer!... antes morrer!

CENA IV

D. Mendo, e Fr. Bermudo.

FR. BERMUDO

Ainda não. É ainda cedo para morreres.

D. MENDO

Bermudo!

FR. BERMUDO

Não quero que morras, não quero que percas o ânimo, por isso vim.

D. MENDO

Que podes tu sobre a morte? Como podes tu impedir que eu a vá buscar nas lanças dos inimigos? Se eu acreditasse nas tuas profecias sinistras deixava-me matar na batalha de amanhã.

FR. BERMUDO

Não irás buscar a morte porque amas a vida.

D. MENDO

Amo sim, porque amo Violante.

FR. BERMUDO

Não amas Violante só.

D. MENDO

Pois...

FR. BERMUDO

Amas a glória.

D. MENDO

Para lh'a dar a ela.

FR. BERMUDO

E para ti, também queres a glória, e tens razão Mendo. (*Compaixão*) Para que o amor fosse a tua única paixão, o teu único pensamento, a vida, o alento da tua alma; para que o amasses e vivesses só por ele, era preciso que o teu coração houvesse padecido desde o berço dor e tormentos, tivesse sempre ficado nas trevas e na solidão e que, quando tu o sentisses já quase a morrer. Deus te mostrasse um anjo, uma luz, uma esperança. — Para compreender a luz é preciso ter estado na escuridão; para apreciar a felicidade é preciso ter padecido. Os anjos não podem intender as alegrias do céu, porque nunca suportaram os tormentos do inferno... — (*Pausa*) Os corações novos, que nunca foram provados pelo martírio não podem amar como... como esses que se escondem num claustro, ou num sepulcro, para que ninguém os veja, para que ninguém saiba deles.

D. MENDO

Que querem dizer essas palavras?

FR. BERMUDO

Querem dizer que tenho penado mais, muito mais do que tu, e que não quero, nem posso ainda morrer.

D. MENDO

A ciência prende-te à vida.

FR. BERMUDO

A ciência!... Antes de ser monge, fui homem: antes de dar todas as horas a um estudo inútil, tive outros desejos e outras esperanças... A flor morreu em botão... acabou tudo, antes de eu saber se a

felicidade é mais do que uma palavra de escárnio, a alegria mais do que uma ilusão miserável... E quero a vida, mesmo assim.

D. MENDO

Queres a vida?

FR. BERMUDO

Quero-a Mendo, esta alma é um abismo, tão tenebroso, que nem eu me atrevo a olhar para ele... tenho medo.

D. MENDO

Tens sofrido muito? Tens padecido?

FR. BERMUDO

Escuta e verás. Tinha um único irmão, que amava muito; ficámos órfãos ambos ainda infantes. Eu nunca tinha tido outro sentimento no coração, senão essa amizade profunda, extrema que lhe consagrava a ele; tinha-lhe salvo a vida nas batalhas à custa do meu sangue... Tudo que via de belo no mundo desejava-o para lho dar. Se havia a afrontar um perigo ia eu por ele, se havia glória a ganhar, deixava-o ir, e ficava eu. A minha vida era dele só. — Um dia, voltava de uma correria contra os mouros, não achei senão o seu cadáver! Meu irmão fora assassinado.

D. MENDO

Vingaste a sua morte?

FR. BERMUDO

Procurei o assassino, para vingar a morte de meu irmão; tinha ido para essas longes terras da Palestina. Fui também. Busquei-o por toda a parte; atravessei o deserto sufocado pelos ardores do sol, devorado pela sede, consumido pela fome. O meu cavalo morreu, e proseguei na minha peregrinação a pé encostado ao bordão de peregrino. Padeci martírios cruéis, mas não encontrei nunca esse homem que buscava. Disseram-me que tinha morrido... Voltei para a pátria.

D. MENDO

E então?

FR. BERMUDO

Não tinha nada que me prendesse à vida, não tinha nenhuma esperança, nenhuma consolação. Fiz-me monge, e dei-me ao estudo, para ver se a cabeça matava as saudades do coração.

D. MENDO

E conseguiste?

FR. BERMUDO

Esse homem não tinha morrido, voltou.

D. MENDO

Mataste-o?

FR. BERMUDO

Não.

D. MENDO

Perdoaste?

FR. BERMUDO

Também não. (*Pausa*) O amor matou-me o ódio. Fui fraco, covarde. Tive medo da minha vingança; traí meu irmão, deixei passar junto de mim o seu assassino, e não tive força para levantar sobre ele o meu braço vingador.

D. MENDO

Por quê? O que te deteve o braço?

FR. BERMUDO

Amei a filha desse homem...

D. MENDO

Tu?

FR. BERMUDO

Eu?!... Não. — Sou monge, não posso ter amor. Um voto matou-me o coração.

D. MENDO

Desgraçado!...

FR. BERMUDO

Que importa o que passou... o que morreu! Todos julgaram que eu havia morrido... E há dez anos que enterrado num mosteiro estudo a alquimia; tenho descoberto segredos, que poderiam fazer os homens felizes, segredos que poderiam talvez tornar o mundo todo um paraíso. A natureza é onipotente em criar, onipotente em destruir: ao lado de cada força que gera há uma força que mata... São tudo combates. O homem, grão de pó no universo, segue a lei geral. A vida é um combate entre o ser, e o não ser. O pensamento é uma luta entre o bem e o mal. (*Pausa*) Aqui tens, Mendo, uma essência sutil. Esta essência é a vida para ti se fores ferido na lide.

D. MENDO (*repelindo o frasco*)

Padre, tu fizeste-me perder o ânimo: mataste-me as esperanças. Tenho agora medo de tudo, menos da morte: tudo para mim é fatal. Essa peleja perder-se-á. A vida servir-me-á só para ser escravo, e penar.

(*Ouvem-se gritos do exército ao longe*)

FR. BERMUDO

Ouves?... Esses homens, há pouco tão sem ânimo, tão atemorizados, estão agora incendiados pelo fogo do entusiasmo... Oh! o entusiasmo é um poder sublime! Os seus efeitos são semelhantes aos que a força onipotente de Deus produziria se baixasse à alma do homem... Uma palavra de D. Afonso bastou para pôr em dúvida a vitória... talvez para a assegurar.

D. MENDO

Pois julgas...

FR. BERMUDO

Pela fé, e pelo entusiasmo o homem multiplica-se, torna-se grande, e vence... Desgraçado de mim, que já não sinto esse divino fogo animar-me o coração. (*Dando o frasco a D. Mendo*) Mendo, toma essa essência, é a vida.. — Amanhã, no meio dos gritos da vitória, dar-te-ão uma espada de cavaleiro, e saudar-te-ão entre os heróis. Vive para a glória. Vive para Portugal. (*Em voz baixa*) Vive para vingar teu pai, se tens na alma força para tanto.

D. MENDO

Aceito.

CENA V

Os mesmos, D. Bibas e Bonamiz.

D. BIBAS

Quero a vida.

BONAMIZ

Não a quero.

D. BIBAS

Pela morte.

BONAMIZ

Só espero.

Sem a minha doce amante,

Viver não quero um instante.

D. BIBAS

Mas a glória?

BONAMIZ

E os amores?

D. BIBAS

Mas os cardos?

BONAMIZ

Mas as flores?

D. MENDO (*colérico*)

Outra vez a escutar os meus segredos?

D. BIBAS

Vingativos frades.

BONAMIZ

E pajens contritos.

D. BIBAS

Monges aguerridos.

BONAMIZ

Amantes aflitos.

D. BIBAS

Só nos fazem rir.

BONAMIZ

Ai! fazem-nos rir...

FR. BERMUDO (*colérico*)

Que ouvistes?

D. BIBAS

Coisas muito para rir! — Dizem que há grandes sabedores, homens que valem mais do que os outros, que são mais avisados. (*Dando uma gargalhada*) Loucura!... Os homens são todos bobos: bobos que fazem rir, bobos que fazem chorar, bobos que amam, bobos que odeiam, bobos que leem até dos astros, bobos que não sabem ler

nem mesmo um pergaminho... mas todos bobos, todos jograis e chocarreiros.

FR. BERMUDO

Tens razão D. Bibas.

D. BIBAS

Vós que sois admirado pelo muito que sabeis, falais de vinganças como o mais estúpido homem de armas... Matar... matar um homem!... O que importa isso? Pois ele não há de morrer, sem que o matem? — Matá-lo é afastá-lo de todos os tormentos deste mundo, é dar-lhe o descanso eterno... Estou hoje um bobo sério, não é assim? Um bobo sério é como um vestido de dó num casamento, excita a compaixão e o desprezo.

BONAMIZ

Mestre, estás hoje insípido.

D. BIBAS

Que queres? Diante destes dois mochos a piarem sons de agouro, até o gênio de um jogral fica vencido.

FR. BERMUDO

Não digais nada do que ouvistes, bobos.

D. BIBAS

Também tu, Fr. feiticeiro, julgas que os bobos são como o resto dos homens? Ficai descansados; nós queremos saber para rir, e não para ir contar aos outros. (*Dando uma gargalhada*) Vingativos frades.

BONAMIZ

E pajens contritos...

D. MENDO

Calai-vos aí, bobos do inferno. (*A Fr. Bermudo*) Aceito, Fr. Bermudo. Não quero a morte ainda.

FR. BERMUDO

Vive...

D. MENDO

Cumprir-se-á minha sina?

FR. BERMUDO

Cumprir-se-á.

(O rumor do exército aproxima-se)

BONAMIZ

Aí vem o nosso infante, o nosso tio infante.

FR. BERMUDO

Adeus. D. Mendo — Quando me quiseres, estarei ao pé de ti. *(Sai)*

(A noite tem-se cerrado pouco a pouco)

CENA VI

O Infante, Egas Moniz, o Lidador, D. Mendo, e cavaleiros.

TODOS

Viva o nosso infante! viva!

ALGUNS

Viva El-Rei!

INFANTE

Havemos de vencer; protege-nos o braço do Senhor.

ALGUNS

Viva D. Afonso!

INFANTE

Ide purificar-vos pela oração para que Deus proteja as nossas armas.

(*Saem todos gritando — Viva D. Afonso, fica só o infante e D. Mendo*)

CENA VII

O Infante e D. Mendo.

INFANTE

Mendo, amanhã é o mais belo dia da tua vida... Sentirás pela primeira vez o furor dos combates correr-te nas veias. No meio do turbilhão dos inimigos sentirás essa força estranha, superior e independente da vontade, que dirige o braço dos que pelejam pela sua fé, e pela sua pátria; essa força que faz os heróis e os mártires; que é a inspiração dos homens de guerra. Não estejas assim triste agora; que depois da peleja terás de chorar os nossos que morrerem... e então... Que importa? Resta-me o amor. Tu és moço, nobre; serás em pouco um dos melhores lidadores de Portugal. (*Sentando-se*) Ajuda-me a tirar este capelo. És feliz, Mendo; sobre ti não pesam nem remorsos do passado, nem terror do futuro...

D. MENDO

Senhor infante!

INFANTE

Meu amigo!... Diz-me o que desejas; quero fazer-te feliz, a ti.

D. MENDO (*com excitação*)

Meu senhor!

INFANTE

Fala-me com sinceridade.

D. MENDO

Amo.

INFANTE

Amas D. Violante, já o sabia. Amas a filha de D. Pedro Framariz, e és amado por ela. Sereis unidos.

D. MENDO

Unidos... Eu, e Violante...

INFANTE

Sou eu que te prometo.

D. MENDO

Meu Deus, meu Deus! que feliz é o meu destino!

INFANTE

Vai agradecê-lo a Deus... Vai pedir-lhe por nós todos. Anda Mendo, vai pedir ao Senhor, que tenha misericórdia dos que desejam glorificar seu santo nome.

D. MENDO

Vou...

INFANTE

Deixa-me só.

(Mendo sai)

CENA VIII

O Infante, só.

INFANTE *(depois de uma pausa em que escuta os gritos do exército ao longe)*

Anima-os a todos a esperança da vitória. Esqueceram tudo, para se lembrarem só do triunfo. Uns combaterão por que têm fé, e querem, combatendo, ganhar o céu; outros porque têm ambição, e querem acrescentar as suas terras e aumentar o seu poder. Agora é tudo entusiasmo, tudo esperança aí... depois, mais tarde, quando cada um desses guerreiros estiver a sós com a sua alma, virá a meditação;

depois as recordações, e as saudades; depois a oração fervorosa... e depois... depois talvez o medo da morte... Morrer pela fé é ganhar a coroa celeste dos mártires; e todos os meus companheiros de armas creem como eu na misericórdia de Jesus Cristo! (*Cravando no chão a espada e pondo-se de joelhos*) Cruz de redenção, sobre que primeiro se escreveu a palavra sacrossanta de perdão para os homens, símbolo de eterna vitória, ajudai-nos... Que vos cerque uma luz de glória: que se passe um milagre diante de mim, e a minha confiança será infinita! Gedeão era humilde e fraco como eu, os seus eram poucos contra muitos, como são agora esses meus, e o altar de Baal foi derrubado, e em seu lugar se levantou o templo de Jeová. É por que a sua fé era viva, é por que a sua oferta tinha sido consumida pelo fogo do céu no altar do sacrifício, é por que a mão de Deus o protegia, é por que na sua alma havia uma inspiração sagrada... Inspirai-me, meu Deus: dai-me a vitória Senhor... e o vosso nome será adorado por toda a parte onde chegar o meu poder. Onde eu poder fazer ouvir a vossa palavra divina, grandes e pequenos, nobres e humildes a escutarão com amor e contrição. Dai-me a vitória, meu Deus!

CENA IX

O Infante e Fr. Bermudo.

FR. BERMUDO (*à entrada do real*)

A vitória será tua.

INFANTE (*levantando-se*)

Quem és? Que queres aqui? Foi Deus que te mandou?

FR. BERMUDO

A sua benção caiu sobre ti, e os teus.

INFANTE

A vitória!... Será nossa a vitória?

FR. BERMUDO (*abrindo as cortinas do fundo do Real, deixando ver o campo, que se estende por uma encosta, e em que brilham algumas fogueiras; apontando para o Oriente*)

Ao romper d'alva verás no Oriente o braço do Senhor estender-se sobre o teu exército.

INFANTE

A vitória, a vitória! Uma palavra tua, meu Deus!... (*Abraçando de joelhos a cruz da espada*) Glória ao teu nome Senhor!

ATO III

Uma sala do castelo de Guimarães, portas laterais e ao fundo. É noite, brandões seguros por braços de ferro lançam uma luz brilhante. Ouve-se música, há diferentes bailados, durante a primeira cena.

CENA I

D. Gonçalo de Sousa, D. Lourenço Viegas, D. Soeiro Viegas, cavaleiros, prelados, Damas, D. Mendo, D. Violante, D. Bibas e Bonamiz. Os cavaleiros e damas passeiam e dançam.

D. GONÇALO DE SOUSA (*a uma dama que traz pelo braço*)

Foi belo, magnífico este nosso jogo do tavolado. — Nunca damas mais formosas fizeram nascer desejos de glória em corações de mais ardentes e destros cavaleiros.

DAMA

Lembraram-vos hoje essas batalhas verdadeiras, onde sois sempre o primeiro, Sr. D. Gonçalo de Sousa?

D. LOURENÇO VIEGAS (*aproximando-se*)

Feliz o cavaleiro que ganhou hoje uma coroa para vos oferecer, linda Branca.

DAMA

Não seiais invejoso, D. Lourenço Viegas, que é feia a inveja em quem vale tanto: vossos feitos de armas já vos mereceram o nobre título de *espadeiro*.

BONAMIZ

Mas nem por isso lhe tem valido grandes triunfos em amor. É por que o amor não se leva à espada, como se levam os infiéis sarracenos. As mulheres são infiéis, que se conquistam pela brandura, e que se conservam pelo galanteio. O braço forte não serve para conquista destas, D. Lourenço.

DAMA (*rindo*)

Que tem isso? — Não se pode ser grande em tudo. (*Vão para o fundo da cena*) É melhor cobrir-se um cavaleiro de glória nas batalhas do que nos amores.

D. SOEIRO VIEGAS (*vindo à frente da cena com uma dama*)

D. Sancha, sois a formosa de todas as lindas damas de Portugal. Um mouro chamar-vos-ia uma huri, eu adoro-vos como a um anjo.

DAMA

É nos campos da lide que se aprende a lisonja?

D. SOEIRO VIEGAS

Aprende-se a ser franco, e leal...

D. BIBAS (*rindo*)

Como todos os da vossa raça, dom namorado...

D. SOEIRO VIEGAS

Excomungado bobo!

D. BIBAS

Não há nada que esfrie uma paixão como uma gargalhada a tempo. O bobo é o avesso de Cupido. Ri-se das coisas serias, o bobo; e Cupido e todos os seus escravos tomam a sério até os ridículos galanteios do amor.

(Um cavaleiro e uma dama veem à frente da cena)

PRIMEIRO CAVALEIRO

Está sempre triste, e coberta de luto, a infeliz D. Gontrade.

DAMA

Viste-a hoje aqui? Em quanto o filho, D. Mendo...

PRIMEIRO CAVALEIRO

O namorado D. Mendo. Vede com que olhos ele admira a filha de D. Pedro Framariz. Feliz Mendo!

DAMA

Em quanto o pajem del-Rei...

PRIMEIRO CAVALEIRO

Agora cavaleiro. Ganhou a espada na batalha de Ourique. Foi o Sr. D. Afonso Henriques, quem o armou com a sua própria mão.

DAMA

Em quanto D. Mendo andou pela guerra, a mãe, D. Gontrade, passou os dias e as noites fechada, a rezar sempre. Aquela mulher tem dor ou remorso que lhe dilacera o coração.

PRIMEIRO CAVALEIRO

Estava ali na capela esta manhã: parecia ainda mais triste que de costume.

DAMA

Pobre D. Gontrade! Dizem que lhe mataram o marido! É uma história tenebrosa, que ficou sempre em mistério, e de que pouco se sabe.

PRIMEIRO CAVALEIRO

Seu filho Mendo vai casar....

DAMA

Assim se diz. Mas a falar verdade, eu duvido.

(Um grupo de cavaleiros vem à frente da cena)

PRIMEIRO CAVALEIRO

Foi uma rija arrancada aquela de Ourique. El-Rei D. Afonso derrubou de um golpe dois daqueles perros infiéis.

SEGUNDO CAVALEIRO

Ismael pouco resistiu.

TERCEIRO CAVALEIRO

Nunca, por vida minha, nunca vi uma tão grande rota.

PRIMEIRO CAVALEIRO

Parecia que o braço de Deus pelejava por nós.

SEGUNDO CAVALEIRO

E que alegria a do exército quando depois da batalha, levantámos por nosso rei a D. Afonso Henriques.

TERCEIRO CAVALEIRO

Agora já temos rei independente.

SEGUNDO CAVALEIRO

Temos ainda que combater muito pela independência de Portugal.

(Outro grupo de cavaleiros vem à frente da cena)

PRIMEIRO CAVALEIRO

É um leal cavaleiro D. Pedro Framariz.

SEGUNDO CAVALEIRO

Honrado como Egas Moniz.

TERCEIRO CAVALEIRO

Não tanto. Ele não se ia de certo entregar nas mãos dos inimigos para não faltar à palavra dada, à lealdade jurada.

SEGUNDO CAVALEIRO

Lá isso é verdade; D. Pedro Framariz não era capaz de tal.

BONAMIZ (*rindo*)

Tem mais amor à pele, e menos amor à honra. (*Vai-se cantando*)

TERCEIRO CAVALEIRO

Estes bobos!...

SEGUNDO CAVALEIRO

Dizem que a filha casa com D. Mendo, o antigo pajem del-rei. É um casamento muito honroso para D. Mendo.

TERCEIRO CAVALEIRO

Estão namorados, mas casarem... Não casarão talvez.

SEGUNDO CAVALEIRO

É a vontade del-rei, que se casem.

QUARTO CAVALEIRO

Entre as duas famílias houve noutro tempo alguma coisa.

TERCEIRO CAVALEIRO

Um homizio... dizem.

D. MENDO (*aproximam-se de Violante que está assentada*)

Violante, ficai; deixai sair todos.

VIOLANTE

Fico. (*D. Mendo afasta-se*)

Um grupo de velhos cavaleiros e de prelados, vem à frente da cena

PRIMEIRO PRELADO

Vai-se demorando o banquete.

SEGUNDO CAVALEIRO

Muito mais do que se demoram os nossos golpes quando pelejamos contra os excomungados da Moirama...

SEGUNDO PRELADO

As nossas orações no coro também se não demoram tanto tempo como esta ceia.

TERCEIRO CAVALEIRO

Não tarda. Ainda bem que se demora porque podemos conversar.

UM OVENÇAL (*na sala de armas, à porta*)

Nobres, ricos-homens, infanções, cavaleiros, senhores de prestamos e alcadarias, el-rei de Portugal vos convida a vir tomar parte no banquete.

SEGUNDO CAVALEIRO

Em fim!

PRELADO

Vamos, vamos.

(Saem todos, todos exceto D. Mendo e D. Violante. D. Bibas esconde-se detrás de um pilar)

CENA II

D. Mendo e D. Violante, D. Bibas (escondido).

D. MENDO

Violante!... minha Violante!

VIOLANTE

Mendo?!

D. MENDO

Uma palavra... uma palavra, por minha alma.

VIOLANTE

Mendo, nem um instante passei sem pensarem vós: e eu também estava esperando com ânsia este momento para vos ouvir dizer-me uma palavra de amor.

D. MENDO

E não teve, Violante, não teve essa boca um sorriso para mim, nem esses olhos tiveram um olhar terno para me dar até agora?

VIOLANTE

Ai! que nem eu sei dizer-vos o que sinto, dizer-vos o que me deteve diante de toda essa gente! Há uma coisa oculta, Mendo, que me prende a palavra e o gesto quando quero mostrar-vos tudo o que sinto em mim. Faltam-me forças, faltam-me faculdades para tanto.

D. MENDO

Falta-vos o amor... talvez.

VIOLANTE (*sorrindo com muito amor*)

É desleal essa palavra, cavaleiro. Eu conheci um pajem que só dizia o que pensava, com verdade, e sinceramente.

D. MENDO

O pajem, minha Violante, seria verdadeiro e sincero, seria: mas não valia mais do que o cavaleiro, que dele herdou o maior amor, que do mundo tem havido.

VIOLANTE

Que sustos tive, em quanto durou a guerra! Parecia-me que não vos tornaria a ver, e essa ideia fazia-me chorar horas esquecidas, fechada no meu oratório.

D. MENDO

Eu não podia morrer, porque vós me estáveis esperando.

VIOLANTE

Não vos lembrou a triste Violante, quando, o primeiro entre todos, vos lançastes por meio das lanças dos inimigos?

D. MENDO

Lembrou, lembrou. Ia lá buscar esta espada... Não era eu que ia, não; era a esperança de vir aqui ajoelhar-vos aos pés e dizer-vos: “Violante, tenho um nome de cavaleiro, tenho um lugar entre os ricos-homens de Portugal, tenho esta mão que é leal e que está pura... ofereço-vos, tudo minha Violante!”

VIOLANTE (*apertando a mão de D. Mendo*)

Aceito.

D. MENDO

A Fr. Bermudo devo a ventura de ouvir a minha Violante dizer-me esta divina palavra.

VIOLANTE (*com susto*)

A Fr. Bermudo! Como? Que tem esse astrólogo agourento com a nossa felicidade?

D. MENDO

Não quero ser eu só a bem dizer esse homem inexplicável; por isso, aqui mesmo no meio da nossa alegria, quero contar o que ele fez para me salvar.

VIOLANTE

Para vos salvar?

D. MENDO

Estava quase ganha a batalha; na ala esquerda porém, ainda uma das hostes dos almorávidas resistia como um muro de ferro aos ataques impetuosos dos cavaleiros cristãos. Tive vergonha de ver os nossos recuarem diante dos inimigos, entre os quais combatiam mais de trezentas mulheres; e, com uma espada na mão precipitei-

me sobre a falange sarracena; rompi a primeira e segunda linha, e quando me volvei para ver se os cavaleiros portugueses me haviam seguido, achei-me de todos os lados cercado pelos infiéis. A minha morte era certa: o braço já ia cansando: e se não fora a vossa imagem, que estava sempre presente ao meu espírito, ter-me-ia deixado morrer. Subitamente, porém, quando já, fechando os olhos, e pronunciando o vosso nome, me arremedava às cegas sobre os inimigos, ouvi por detrás de mim um pavoroso clamor, e vi logo depois um soldado que derrubava tudo com o seu braço de Hércules. Num instante, vi abrir-se uma larga estrada juncada de cadáveres; e foi assim que me salvei da morte.

VIOLANTE

E o soldado?

D. MENDO

Era Fr. Bermudo. Violante, a Fr. Bermudo devo esta felicidade, tão grande, que nem eu a posso compreender, nem a posso sentir toda, que não tenho coração para tanto. É uma felicidade que mata!

VIOLANTE

Tem-me consumido a vida, mas amo-a.

D. MENDO

Oh! Que nunca julguei que tão cedo nos chegasse tamanha ventura!
(*Beija-lhe a mão — D. Bibas dá uma gargalhada aguda e estridente*)

VIOLANTE

Jesus!

D. MENDO (*levando a mão à espada*)

Quem ousaria?!

D. BIBAS (*vai-se cantando com voz lúgubre*)

“Vivem loucos namorados

Vendo futuro formoso

Onde não há mais que a dor
De um mistério tenebroso.”

VIOLANTE

Bobo.

D. MENDO

D. Bibas que anda fazendo pelo castelo a sua ronda de escárnio. —
Louco!

FR. BERMUDO (*entrando*)

D. Mendo, os loucos sabem mais às vezes que os avisados — Sra. D.
Violante ide-vos, vosso pai procura por vós.

D. MENDO

Tudo nos separa...

D. VIOLANTE

Em breve nada nos poderá separar um do outro. Adeus, Mendo,
adeus! (*Sai*)

CENA III

D. Mendo e Frei Bermudo.

D. MENDO

Para que vieste separar-nos, quando estávamos a matar as saudades
desta longa ausência? Fr. Bermudo, és tu sempre quem separa
Violante de mim.

FR. BERMUDO

Não sou eu; é o teu destino fatal.

D. MENDO

Mão me repitas outra vez os teus agouros. Não queiras que eu te
maldiga; não queiras que eu tome ódio a ti, e à vida...

FR. BERMUDO

Depois desse teu penar, virá a glória. Assim o dizem os astros. (*Sai*)

CENA IV

D. MENDO (*só*)

Este homem, este frade é incompreensível. As suas palavras pesam sobre mim; quando o vejo, não sei se a simpatia, ou o ódio me fazem pular o coração no peito. Devo-lhe a vida a este homem; e, contudo, parece-me que lhe não posso ser grato. — Sou cavaleiro já, e agora saberei o segredo tremendo, que desde a infância me envolve, sem que o possa conhecer. Minha mãe — quando ao chegar da guerra a fui ver — recebeu-me com assustadora solenidade; deu-me apenas um beijo que me fez frio. Está mais pálida agora; e há nos seus olhos um clarão sinistro que me faz medo. Sinto caminhar para mim o terrível segredo, e tenho vontade de fugir para o não ouvir. É covardia... é fraqueza, isto!

CENA V

D. Mendo e D. Gontrade.

D. GONTRADE (*entrando*)

Meu filho...

D. MENDO (*estremecendo*)

Minha mãe...

D. GONTRADE

Estás aqui, Mendo, longe das festas, triste e só? Tens razão, filho; porque não podes, não deves ter nem alegria nem descanso, em quanto não tirares vingança do assassino de teu pai.

D. MENDO

Que dizeis, minha mãe? meu pai morreu assassinado, já vo-lo ouvi dizer; mas quem o matou é o que eu não sei ainda.

D. GONTRADE

Mendo, até ao dia em que ganhaste — gloriosamente, bem o sei — essa nobre espada, não eras mais do que um pajem, uma criança. Esse tempo passou: tens já um nome de cavaleiro que teu pai tornou ilustre, e que tu deves conservar puro e sem mancha. Mendo pais, o teu nome está desonrado. A mão de um homem desleal manchou-lhe a pureza, deslustrou-lhe a nobreza. D. Paio Ramires teu pai, foi assassinado, covardemente assassinado; e o seu assassino vive ainda!... Ficas assim calado?!... Não se te revolvem lá dentro os desejos da vingança? Meu filho, enganar-me-ia a esperança? Não serás tu digno de teu pai?

D. MENDO (*com terror*)

Quero-vos muito, minha mãe. Esta vingança, porém, faz-me susto. Não sei que pressentimento me diz que esta vingança me há de matar a mim também.

D. GONTRADE

Susto! tens susto de vingar a morte de teu pai!? Não te creio, meu filho, porque respeito, em ti, o chefe da nossa família. É hoje o dia da vingança, Mendo, uma vingança cruel, tremenda, pública para que todos a saibam. A vingança é um ato horrendo e criminoso; mas a honra exige que esse ato se cumpra. — Foi a última vontade de teu pai. É no meio do banquete, entre os risos e os gritos do triunfo, que te espera a vítima. (*Tirando um punhal*) Foi esta a arma traidora que serviu ao crime; sobre ela há ainda o sangue de teu pai enegrecido pelo tempo, mas não limpo ainda da desonra. Guardei-o sempre como uma relíquia sagrada, para t'a confiar na hora do castigo...

D. MENDO

O punhal é arma de traidor; minha mãe, tenho esta espada...

D. GONTRADE

E se morresses?... se esse homem te matasse também?

D. MENDO

Morria como cavaleiro.

D. GONTRADE

Quem vingaria teu pai? — Não, Mendo; é com este ferro que o infame deve ser punido... O assassino de teu pai é...

D. MENDO

Calai-vos... calai-vos...

D. GONTRADE

Que tens?

D. MENDO

Tenho medo!

D. GONTRADE

Medo?!...

D. MENDO

Se esse homem fosse?...

D. GONTRADE

Quem?

D. MENDO

O pai da mulher que amo..

D. GONTRADE

Morreria... da tua mão receberia a morte.

D. MENDO

Minha mãe!

D. GONTRADE

É a hora da vingança, meu filho. Quando uma família nobre, como a nossa, se acha desonrada, e ofendida pela mão de um traidor, não deve nela haver descanso, nem alegria, em quanto a ofensa não for

castigada, e a sua honra purificada da nodoa de sangue que lhe apagou o brilho. — O homem que matou teu pai, Mendo, vive junto de nós, é um dos ricos-homens de D. Afonso Henriques, é D. Pedro Framariz.

D. MENDO

D. Pedro! Jesus, meu Deus!... — Ele!... Não minha mãe, isso não pode ser.

D. GONTRADE

Hesitas?

D. MENDO

O pai de Violante? É um nobre cavaleiro, que tem um lugar distinto entre os cavaleiros mais leais à pátria, entre os mais ardentes defensores da fé.

D. GONTRADE

O sangue de teu pai pede sangue, meu filho. D. Pedro matou covardemente D. Paio Ramires; e tu não podes, não tens direito de trazer essa espada, em quanto em Portugal poderem dizer de ti: “Aquele homem desconhece os princípios da honra, porque não vingou ainda a morte de seu pai.”

D. MENDO

Mais tarde; ainda não...

D. GONTRADE

Hoje... agora. — Há dez anos, a esta mesma hora vi eu cravar este punhal no coração de teu pai... de meu marido. — Foi uma noite horrível... uma noite de sangue e infâmia!

D. MENDO

Assassino!... eu!... — Minha mãe, a vingança é um crime covarde e miserável. Uma lança que se cruza com outra lança em repto leal, à luz do dia, diante de todos, merece a simpatia de todos; um punhal

que nas trevas escorrega cautelosamente, e se crava frio e silencioso nas carnes de um homem desarmado, só merece desprezo.

D. GONTRADE

A vingança não é crime, quando a exerce um filho sobre o assassino de seu pai.

D. MENDO

E Violante?...

D. GONTRADE

Entre ti e ela há um cadáver.

D. MENDO

Perdoai, minha mãe. Sou fraco de coração. Falece-me o ânimo.

D. GONTRADE

Mendo, teu pai deixou a sua maldição em herança ao filho, se ele o não vingasse; e a minha maldição juntar-se-á à dele...

D. MENDO

Que Violante não veja... que não o saiba!

D. GONTRADE

Covarde! vês este punhal tinto ainda de sangue, e hesitas, e tremes...

D. MENDO

Não posso... Aquele anjo! — Pois eu hei de ser odiado por Violante!
(*Com muita desesperação*)

D. GONTRADE

A honra do nosso nome, e a memória de teu pai pedem vingança!
(*Dando o punhal a D. Mendo, que o recebe com terror*) Vinga a morte de teu pai, ou sê maldito! (*Sai*)

CENA VI

D. Mendo, só.

D. MENDO

Meu pai, meu pai, levantai-vos do sepulcro e perdoai... que me Salvais, que salvais vosso filho! (*Olhando para o punhal*) Este sangue há de ser lavado com outro sangue?! Assim o exige a honra de uma família nobre!... Meu pai, se vos basta o sangue de um homem, dar-vos-ei todo o meu! (*Chorando*) Se as lágrimas de um filho podem lavar a nodoa tremenda deste ferro, derramarei o meu pranto sobre ele em quanto viver!... A vingança dura pois mais do que a vida?! O espírito depois de separado da terra, não perdoa, não esquece tudo?! Pois nesse mundo misterioso e todo espiritual, para aonde as almas vão depois da morte, também há estas ruins paixões, que têm feito da humanidade um bando de feras? Essas paixões duram a eternidade? Onde está o descanso, aonde está a paz? Onde existe o céu? — Ai! Quem me livra deste martírio? Quem salva a minha honra? Quem dá força à minha alma, para que se não perca... para que não renegue a Deus?!

CENA VII

D. Mendo e Fr. Bermudo.

FR. BERMUDO

Tira da fé a tua força, e não renegarás a Deus. A desgraça é difícil de suportar; e quando pela primeira vez ela nos entra no coração, parece-nos impossível que o coração a possa conter, que o coração não estale.

D. MENDO

Salva-me, salva-me... Fr. Bermudo, sei tudo. Violante é filha do assassino de meu pai. Minha mãe confiou-me uma vingança... que eu não tenho ânimo de executar.

FR. BERMUDO

Pesa-te essa vingança? Dá-me... que a aceito. — É o último sacrifício que faço às malditas paixões humanas: faço-o com horror, mas não

quero que tu sejas odiado pela cândida Violante. Esse ódio matá-la-ia a ela!

D. MENDO

Como te hei de confiar uma vingança que é só minha?

FR. BERMUDO

Eu também tenho direito de a tomar para mim.

D. MENDO

Por quê?!

FR. BERMUDO

Não queiras penetrar o enigma da minha vida. Juro-te que não é desonra para ti ceder-me essa vingança.

D. MENDO

E Violante? Já não podemos ser um do outro. É impossível esta união.

FR. BERMUDO

Não te disse que Violante não podia ser tua?

D. MENDO

Que hei de fazer?

FR. BERMUDO

Esquecê-la... se for possível.

D. MENDO

Não, não... Não posso... Não é possível.

FR. BERMUDO

Pobre de ti, que a amas também!

D. MENDO

E ela?... Se morrer, meu Deus!

FR. BERMUDO

A sua alma é pura... é um anjo, os anjos a esperam... — Que morra ao menos com o seu amor: que morra, amando-te. Odiar-me-á a mim... mas que importa? Esse ódio fará mais miserável ainda quem do mundo só conheceu os amargores. Que importa?

D. MENDO (*chorando*)

Que padecimento!... Que martírio!... Maldita a vida, em que há tanta dor, e tanta miséria!... — Oh! A minha felicidade, as minhas esperanças eram um escárnio cruento!... A maldição de meu pai caiu sobre mim, e tornou árido, e deserto o meu coração!... Deus criou o homem por escárnio...

FR. BERMUDO (*pondo-lhe a mão na boca*)

Cala-te, não blasfemes.

D. MENDO (*abatido*)

Não... Não devo blasfemar porque vou morrer.

FR. BERMUDO

Não percas assim o ânimo, homem. — A alma é infinita nas suas forças, inesgotável nas suas consolações: quando parece já extinta de todo, acorda, toma alento, levanta-se, e fica forte como dantes.

D. MENDO

A minha morreu de todo!

FR. BERMUDO

Há homens que têm padecido tanto... muito mais do que tu, e que sofrem ainda estes tormentos da existência. Em quanto a alma pode ter amor ou ódio, vive. É a extinção das paixões, que é a morte. O nada é que o espírito não pode suportar. O homem crê na sua própria imortalidade, porque quando o corpo está a ponto de destruir-se, a alma ainda conserva o pensamento, e as paixões. Tens a glória ainda, Mendo. Tens a fé...

D. MENDO

Essa!... Não sei... (*Pausa*) Tenho fé, tenho.

FR. BERMUDO

Tens um alívio, uma esperança — então bendita seja ela. — Deixa-me para mim essa tua vingança, Mendo. Violante odiar-te-ia, e morreria na desesperação, se tu lhe assassinasses seu pai.

D. MENDO (*dando-lhe o punhal*)

Aí tens esse punhal... É um presente maldito, esse que te dou.

FR. BERMUDO (*beijando o punhal*)

Este sangue, este sangue!... Oh! Chegou a hora que já foi tão desejada, e que tão temida é agora! (*À parte*) Terei eu neste solene momento o poder que até hoje me tem falecido? — Irmão, meu irmão... É por teu filho este sacrifício! Pede a Deus que me dê forças, meu irmão!

D. MENDO

Que tens?

FR. BERMUDO (*tranquilo*)

Amanhã teu pai estará vingado.

D. MENDO

Violante!... Violante órfã, só, e desgraçada... — Desgraçado de mim!

FR. BERMUDO

E eu, maldito por ela! Vou pedir a Deus que me perdoe, e que me inspire... Sou fraco, sou um fraco. (*Entra para a capela do fundo, e vai ajoelhar diante do altar*)

CENA VIII

D. Mendo, e depois D. Afonso, D. Violante, D. Pedro Framariz, Damas, e Cavaleiros da Corte

D. MENDO

E eu também, já nem tenho alento para viver! — Ó minha fé, minha fé, acende-te nesta alma, para que eu possa suportar este lanço terrível.

D. AFONSO (*entrando*)

D. Mendo pais, venho cumprir o que vos prometi, no dia da vitória. (*Aos cavaleiros*) Pedimos agora, e obtivemos de D. Pedro Framariz rico-homem, e fidalgo do nosso reino, a mão da sua filha D. Violante, para o muito nobre cavaleiro D. Mendo pais.

D. MENDO

Não posso aceitá-la... Não posso!... (*Caindo de joelhos*) Violante!... Perdão!...

D. VIOLANTE (*desmaiando*)

Mendo!

D. AFONSO

O que se opõe a este casamento, Mendo? O que se opõe à tua felicidade agora?

FR. BERMUDO (*à porta da capela apontando para o altar*)

A vontade do céu.

ATO IV

A cela de Fr. Bermudo no mosteiro de Mumadona. Alguns instrumentos de alquimia, livros e pergaminhos etc. Uma porta do lado direito; outra ao fundo deitando para um pequeno oratório, em que se vê uma cruz com toalha; uma janela do lado esquerdo. É noite, uma lâmpada alumia a cena.

CENA I

Frei Bermudo (só).

FR. BERMUDO (*olhando para o céu pela janela aberta. Ouve-se do interior do teatro uma harmonia solene ao longe, fazendo apenas um murmúrio brando*)

Os espíritos superiores caminham invisíveis por entre os astros. Acompanham-os essas harmonias infinitas das constelações, que os sentidos imperfeitos dos habitantes da terra não podem ouvir, mas que a razão atrevida ousa adivinhar e compreender. Caminham pelo céu os espíritos invisíveis, e no seu rápido voo vão escrevendo com as estrelas os destinos dos homens. Quem pode ler claramente essas frases, que duram um instante apenas, que são efêmeras como a existência do homem, essas frases escritas numa língua de que os astrólogos conhecem apenas algumas palavras soltas? Quem pode duvidar de que no céu se escreve a história do futuro de cada homem? Quem pode duvidar?... Eu, eu mesmo duvido. O orgulho talvez seja o criador da astrologia. Pois o homem merece que os espíritos superiores escrevam o seu destino? O que sabemos nós todos? Sabemos até onde chega a nossa ignorância e nada mais. — O homem, em vigílias longas e vertiginosas, gasta a vida, seca a inteligência, destrói a fé e a pureza de espírito, mas não penetra o segredo dessas palavras, lançadas no céu pelos poderes da natureza. (*Pausa*) Caminha, ó minha pálida estrela, caminha... caminha astro de fúnebre agouro; que em breve marcarás a hora mais fatal da minha existência. — (*Longa pausa; cala-se a orquestra*). Hoje maldito... hoje serei amaldiçoado por Violante. — Tomei para mim esta tremenda vingança... hei de ser eu o assassino de D. Pedro, do pai de Violante. — Se ao menos esta vingança pudesse apagar da memória de todos o crime de D. Pedro Framariz, depois o meu querido Mendo, e a pura Violante pudessem ser felizes! — Ai! Que dor será a desses desventurados agora que sabem já o tremendo poder que os separa!... Que vida, que existência esta minha!... Um abismo... é um abismo a minha alma! Um abismo onde não houve nunca senão três paixões... a amizade, a vingança, o amor. Uma amizade santa, profunda, única, exclusiva. Um desejo de vingança frio, lento, sem entusiasmo, como se houvera nascido no coração de um cadáver. Um amor... um amor que pode fazer esquecer a vingança... que pode esquecer-se a si próprio para só desejar a

felicidade daquela a quem se consagra. — Ó Violante... quero-te tanto, que vou buscar o teu ódio, para que tu não odeies o homem que te cativou o coração. (*Silêncio; ouve-se de novo a orquestra muito longinquamente até ao fim do monólogo*) Se nesses livros, onde homens orgulhosos escreveram o que eles chamavam a sua ciência, eu pudesse descobrir o segredo de Deus!... Se eu pudesse criar um talismã que subjugasse o destino!... Se eu tivesse pelo poder do pensamento, e pela grandeza da vontade, força para desfazer o passado! Ambição!... orgulho!... loucura! O passado não pertence já a nenhum poder, nem mesmo ao poder infinito de Deus! Quisera ao menos ver um desses espíritos superiores, para lhe falar, para saber dele os mistérios do material e do imaterial... (*Com abatimento*) para saber quando há de acabar este padecer, esta minha vida.

CENA II

Fr. Bermudo e D. Violante,.

D. VIOLANTE (*entrando toda vestida de branco*)

Fr. Bermudo.

FR. BERMUDO

Um espírito... um anjo... fala... fala...

D. VIOLANTE

Fr. Bermudo, escutai-me.

FR. BERMUDO

Violante! aqui!

D. VIOLANTE

Vim para vos pedir a paz... o repouso, o que só me pode salvar, o que vós só me podeis dar.

FR. BERMUDO (*baixo*)

Que sinto, meu Deus?... Que dor, e que alegria me dilaceram aqui o peito?... (*Alto*) Dizei, Sra. D. Violante, que quereis de mim

D. VIOLANTE

Venho pedir-vos... — Escutai-me. Já sei tudo, conheço o que para sempre me separa de Mendo. Sei que esse que para mim era a alegria e a vida perdi-o para sempre... e talvez que nem por ele seja amada já; eu a filha do homem que... — Horrenda ideia! — Perder uma felicidade tão grande, assim de repente, é uma dor com que não pode este coração — Fr. Bermudo, sois forte, tendes uma alma superior a estas fraquezas do mundo... A minha alma não é assim. Uma pobre mulher, como eu, tem um espírito fraco, e que não pode resistir à dor extrema...

FR. BERMUDO

Que quereis... que quereis de mim, D. Violante?

D. VIOLANTE

Quero o que não me dareis talvez. Mas estou resolvida... Nada me pode fazer mudar de resolução, porque não é a vontade que me impele, é o desalento; não é a força, é um abatimento desanimador; não é a desesperação é a esperança de acabar com um martírio com que não posso.

FR. BERMUDO

Assustam-me essas palavras!

D. VIOLANTE

A vida é impossível assim. — Fr. Bermudo, estou decidida a morrer.

FR. BERMUDO

Violante... Que dizeis?

D. VIOLANTE

Mendo acabou, morreu para mim.. — E sem luz, e sem alívio, que vida seria esta minha!? — Uma existência nas trevas, sem esperança nem consolação.

FR. BERMUDO

Como tem sido sempre esta minha... Perdão, D. Violante. — Que vos importam a vós os meus padecimentos?

D. VIOLANTE (*com alegria*)

Sabeis o que é uma dor, dessas que matam? Julgava encontrar em vós um ente superior aos homens, e tinha medo. Mas agora... posso falar-vos da minha dor, pedir-vos... a morte, que desejo, que espero; porque é a paz para o coração.

FR. BERMUDO

Tende ânimo, paciência, resignação; se o mundo se fechou para vós, ficavam-vos abertas as portas da igreja, onde há consolações para todos.

D. VIOLANTE

A oração é consoladora; a fé pode dar alívio às grandes mágoas; mas para orar é preciso pensar em Deus, para ter fé, é preciso força na alma e eu só penso em Mendo, e na minha alma não há senão desalento.

FR. BERMUDO

Mendo também vos amava muito; e daqui a horas fará voto, na ordem dos Templários, de consagrar a vida ao serviço de Jesus-Cristo.

D. VIOLANTE

Mendo é homem, tem força no coração. A dor — bendito seja Deus! — não lhe matou a alma, como a mim. — Olhai, Fr. Bermudo, eu já não posso viver, e a morte não me faz horror, antes a amo, e a desejo. Mas o que me assusta é a dor; é a ideia de me sentir rasgar o coração com um ferro, ou ficar dilacerada ao deitar-me num precipício, que me repugna. — São isto sentimentos que um homem como vós, de coração forte, não pode compreender talvez!

FR. BERMUDO

Eu compreendo, e respeito esses sentimentos. — As obras de Deus, a beleza e a graça, só a mão sacrílega de um bárbaro as pode destruir sem horror.

D. VIOLANTE

Não seria possível alcançar, por um desses venenos que a ciência tem descoberto, uma morte, sem dor, e sem agonia?

FR. BERMUDO

Ha... talvez.

D. VIOLANTE

Fr. Bermudo, é um desses venenos, que eu venho pedir-vos.

FR. BERMUDO

Eu... pois eu hei de dar-vos a morte?

D. VIOLANTE

Não é a morte, é a paz; é o termo desta dor infinita, que me dilacera. Por piedade dai-me esse veneno... senão, irei buscar a morte num precipício, ou num punhal.

FR. BERMUDO (*meditando*)

Tem razão... Tendes razão, Violante. E hei de ser quem lhe dê a morte... Eu que a amo!

D. VIOLANTE (*com horror*)

Que dizeis?... Vós!... (*Querendo fugir*) Virgem Maria!

FR. BERMUDO (*detendo-a*)

Ficai, Violante, ficai. — Este amor é como a vaga esperança, o suave pressentimento, a doce atração que a alma tem para as belezas do céu.

D. VIOLANTE

Não sou eu só a padecer no mundo, meu Deus! — Se esse amor é, como dizeis, triste, e sem esperança, como é agora a minha

existência, deveis intender, Fr. Bermudo, o padecer, a angústia da minha alma; e não podeis, não deveis recusar-me o que vos pedi.

FR. BERMUDO

O suicídio é um crime, Violante.

D. VIOLANTE

Antes o suicídio do que renegar a Deus... E esta dor far-me-á duvidar da misericórdia divina.

FR. BERMUDO

Um crime, que Deus, não perdoa, talvez.

D. VIOLANTE

Deus tudo pode perdoar, porque a sua bondade é superior a todos os crimes dos homens. — Não me deixeis mais tempo neste martírio! Fr. Bermudo, pela minha alma, por esse amor, por esse vosso amor, que é tão puro e tão sublime, vos peço a paz. Quero morrer, sem uma longa, sem uma dolorosa agonia.

FR. BERMUDO (*dando-lhe um dos frascos que tem sobre a mesa*)

Aqui tendes um penhor do amor... do amor, que morreu já. — Agora acabou tudo para nós... acabou tudo para mim!

D. VIOLANTE (*pegando no frasco*)

É a paz que me dais... Irei esperar por ele no céu!... Deus há de perdoar-me este crime Padre, não reveleis este segredo a ninguém.

FR. BERMUDO

Não. — É meu. (*D. Violante vai para sair*)

FR. BERMUDO (*com ansiedade*)

Violante, não me direis ao menos uma palavra?!

D. VIOLANTE

Deus vos dê o descanso da morte. (*Sai*)

CENA III

FR. BERMUDO (*só*)

O descanso da morte... — Porque não tenho eu ousado buscá-lo já, para pôr termo a esta agonia do espírito, em que ando há dez anos? — Não sei que poder me prende à vida. É medo... é medo do segredo, que se esconde além do sepulcro.

CENA IV

D. Mendo e Frei Bermudo.

D. MENDO

Aqui estou, Fr. Bermudo. Venho já para ficar no convento, até me haver separado do mundo, professando na ordem dos templários.

FR. BERMUDO

Mendo!... Encontraste?...

D. MENDO

Ninguém. Vim pela porta do campo, para não ser visto. Na igreja está tudo preparado para a minha profissão, não é verdade? Estou com desejo de professar, para sentir quebrados todos os laços que me prendem ao mundo. (*Pausa*) Ela como ficou? Viste-a? — Eu fugi porque não podia...

FR. BERMUDO

Está mais sossegada já.

D. MENDO

Pobre Violante! — El-Rei?

FR. BERMUDO

Mandou ele próprio preparar tudo aqui no mosteiro para a tua profissão.

D. MENDO

Disseste-me que Violante estava mais sossegada, que já não padecia tanto? Bendito seja Deus. (*Pausa*) Ai! quem sabe se ela se esquecerá de mim!?

FR. BERMUDO

Esquecer-se de ti?!... talvez; se o pensamento também morre.

D. MENDO

E se ela me esquecesse, e se amasse outro, que desesperação não seria a minha!

FR. BERMUDO

E é assim que este homem paga tanto amor! Duvidando dela!

D. MENDO

Que dizes?

FR. BERMUDO

Digo, que não compreendes o amor, que pode conter um coração de homem; que não sabes o que é uma paixão, que destrói, que devora a existência, que está sempre no fundo da alma, inabalável e tremenda, dominando o pensamento, matando o desejo, e secando a esperança, digo... que não compreendes esse amor.

D. MENDO

Frade, tu amas Violante? Tu...

FR. BERMUDO

Amo-a, sim; mas não receies deste amor, que nasceu num templo, e irá esconder-se debaixo da terra. Amo-a e ousa... e sinto alegria em falar deste amor, porque chegou a hora do sofrimento, o instante do martírio.

D. MENDO

Fr. Bermudo, amas Violante? Não repitas essas palavras desvairadas...

FR. BERMUDO

Nenhum de nós tem já direito de amar, porque para ti, e para mim este amor é um crime. *(Pausa)* Este meu não, que me salvou a alma... que eu sentia perder pelo descrer. Quando ao atravessar o deserto, para ir ao Santo Sepulcro do Redentor, cai sobre as areias ardentes, quase morto pela sede... um anjo me apareceu e me salvou... Em Violante, encontrei depois a imagem do meu Anjo Redentor: é a mesma fronte pálida do anjo é o mesmo sorriso meigo e triste, o mesmo olhar celeste e cândido... a mesma voz... Oh! mas a alma dessa mulher é mais pura do que os espíritos do céu Amei-a! Amei Violante.

D. MENDO *(chorando)*

Meu Deus, tende piedade de mim! acabai com esta dor!... matai-me!

FR. BERMUDO

Quando a voz da fatalidade, troando nos espaços, pronuncia a sentença, que nos condena, devemos escutá-la, e ter resignação.

UM MONGE *(aparecendo à porta da esquerda)*

Fr. Bermudo, está à porta do mosteiro uma penitente, que vos deseja falar.

FR. BERMUDO

Conduzi-a aqui, irmão. *(O monge sai)* Mendo, vai orar por nós ao Senhor.

D. MENDO

Ficarei ali a fazer penitencia, até que me venham buscar, para ir fazer profissão na igreja. É tarde já; daqui a poucas horas é manhã.

FR. BERMUDO *(levando-o ao oratório do fundo)*

Espera aqui, em quanto vou saber o que me quer essa mulher.

(D. Mendo entra no Oratório. Frei Bermudo fecha a porta)

CENA V

Fr. Bermudo e D. Gontrade.

D. GONTRADE (*coberta com um véu negro*)

Padre, estás disposto a ouvir a última confissão de uma grande pecadora?

FR. BERMUDO

Aqueles que, como eu, se votaram ao serviço de Deus, não negam nunca as suas consolações aos que padecem. Mas aqui?

D. GONTRADE

Se as consolações da religião podem fazer esquecer os remorsos profundos, e as infinitas saudades, eu preciso delas já.

FR. BERMUDO

Por que me não mandastes chamar, senhora; iria eu, como é do meu dever, ter convosco.

D. GONTRADE

Saberíeis então quem eu sou; e o que vou confessar-vos interessa a honra de uma família nobre. Posso dizer-vos o meu crime, mas devo esconder-vos o meu nome, para que não recaia sobre outros a desonra, com que esse crime manchou um nome ilustre. — Padre, remorsos há que não podem ter fim... Nem talvez com a morte...

FR. BERMUDO

Com o arrependimento e a fé podem apagar-se da alma muitos pensamentos tenebrosos; muitos martírios podem ter fim.

D. GONTRADE

Mas Deus perdoará sempre à pecadora, que se arrepende?

FR. BERMUDO

Talvez; que a sua misericórdia é infinita.

D. GONTRADE

Escutai-me então, padre, e pedi a Deus que seja misericordioso comigo; porque me sinto morrer, e vou ser julgada no tribunal supremo.

FR. BERMUDO (*à parte*)

Esta voz!... Esta voz é de D. Gontrade; Que vou eu ouvir, meu Deus! (*Assentando-se*) Dizei.

D. GONTRADE (*ajoelhando*)

Dai-me forças Senhor! (*Pausa*) Padre, eu era feliz, quando um nobre cavaleiro de Portugal me ofereceu a sua mão, e o seu nome. — Não se pode amar com mais amor, não se pode querer mais da alma, sacrificar mais por uma mulher, do que esse homem o fez por mim!! Ouvei como eu lhe paguei tanto amor! As guerras do Conde D. Henrique com os mouros chamaram-no para longe de mim: fiquei só em quanto ele pelejava por essas terras distantes. Passaram meses, sem que eu houvesse novas de meu marido. Um dia, estava eu assentada no eirado de minha casa, lancei os olhos ao campo, e vi vir ao longe um cavaleiro, seguido de muitos homens de armas, julguei que fosse ele, e corri a recebê-lo. Foi a última alegria que tive. Quando o cavaleiro se aproximou... conheci que não era quem eu desejava. Perguntei-lhe, se pelas guerras em que andara vira meu marido... respondeu-me, que expirara num recontro com os mouros, pelejando como um herói; assegurou-me que todo o exército, e ele mais que todos havia chorado muitos prantos sobre a sua sepultura. Mais de um mês chorei a morte de meu marido, com uma dor amarga e sincera. Mas a minha alma era fraca; não sabia sofrer. Depois do pranto vieram as saudades; depois as consolações; e depois o amor por esse mesmo homem, que me havia trazido a fatal nova.

FR. BERMUDO (*com muita ansiedade*)

E vosso marido!?

D. GONTRADE (*continuando*)

Passei alguns dias no delírio do crime, sem remorsos, sem arrependimento; por que amava de coração, e julgava ser amada. Esses dias foram para mim como um sonho, hoje aparecem-me como um espectro.

FR. BERMUDO

E o acordar desse sonho?...

D. GONTRADE

Numa noite, estava eu com esse homem, entregue a esse enlevo d'alma em que se escondia um crime tremendo, quando ouvi um ruído estranho por toda a casa, senti, por um pressentimento súbito o frio da morte correr-me pelas veias. Era meu marido que voltava da guerra.

FR. BERMUDO

E então?...

D. GONTRADE

Então vi aparecer diante de mim, que havia quase perdido a razão, um homem ameaçador, e tremendo, o rosto pálido, os olhos ardentes, a mão armada. Apoderou-se de mim a vertigem... Ouvi um grito de agonia, que me gelou... e depois, o baque de um corpo em terra.

FR. BERMUDO

E esse que morreu, era...

D. GONTRADE

Meu marido — Nessa hora consumou-se o meu crime, nessa hora começou o castigo! O homem, que me enganou, abandonou-me naquela dor.

FR. BERMUDO (*levantando-se com horror*)

Oh! maldita de Deus!... estás maldita, mulher!...

D. GONTRADE (*levantando-se e deixando cair o véu que lhe esconde o rosto*)

Não é verdade que sou uma mulher miserável?... Não é verdade que sou maldita de Deus? Que a misericórdia do Senhor não é bastante para tão negro pecado?...

FR. BERMUDO

Queres alcançar perdão para esse crime?

D. GONTRADE

Deus de misericórdia!

FR. BERMUDO

Pede primeiro perdão àqueles que ofendeste, e que estão nesta hora padecendo por tua causa. (*Abrindo a porta do fundo a que aparece D. Mendo*) Irmão, perdoas àquela mulher a morte de teu pai?

D. MENDO

Minha mãe...

D. GONTRADE (*caindo por terra*)

Meu filho!... perdoa-me.

D. MENDO

Perdoo.

FR. BERMUDO

Mendo perdoou-te a morte de seu pai; e eu, D. Gontrade, perdoo-te a morte de meu irmão!

D. GONTRADE

Meu filho!... O irmão de meu marido!... (*Caindo com a frente por terra*)
Justiça eterna!

ATO V

Uma casa vasta, de abóbada de volta abatida, aparência triste e arruinada. Ao fundo porta em arco, por onde se vê uma parte de um claustro. À direita uma porta, à esquerda um grande crucifixo, sobre um altar de pedra tosca, objetos próprios para uso da igreja. A luz dos primeiros raios do sol entra já por uma pequena fresta alta, e pelo fundo, mas a cena está ainda alumiada por dois brandões, seguros por braços de ferro, defronte do altar.

CENA I

D. Mendo (coberto de armadura, ajoelhado) e um templário.

O TEMPLÁRIO

Daqui a uma hora estará tudo pronto.

D. MENDO

D. Guilherme virá também?

O TEMPLÁRIO

O grão-mestre dos templários vem assistir à vossa profissão, D. Mendo.

D. MENDO

E el-rei?

O TEMPLÁRIO

El-rei também. D. Afonso quer-vos muito; tem mostrado grande interesse por vós.

D. MENDO

Meu bom, meu excelente príncipe! E Fr. Bermudo, esse não pode demorar-se. Já me vai tardando.

O TEMPLÁRIO

Vou à igreja saber em que estado estão os preparativos para logo.

D. MENDO

Pois ide irmão; que eu aqui fico só, a pedir a Deus que me não abandone.

O TEMPLÁRIO

Quereis alguma cousa mais?

D. MENDO

Nada.

(O Templário sai)

CENA II

D. Mendo (só).

D. MENDO

É manhã já, e Fr. Bermudo sem voltar! Sem me trazer uma palavra dela para me dar força! Ele que me prometeu voltar cedo, logo que lhe falasse! Ama-a, Fr. Bermudo também a ama! Quem sabe se nesta hora mesmo de suprema dor, ele ainda tem ciúme dos seus prantos, e m'os quer roubar?! — O sangue dele é o meu sangue; é o irmão de meu pai; não pode ser traidor. — Para que quero eu mais ouvir falar dela? Que pode agora haver de comum entre nós ambos? A dor, a dor que é o mais íntimo laço que pode existir entre dois corações que se amam. Fr. Bermudo não chega, meu Deus; e nem uma palavra consoladora de Violante me vem dar alento nesta tristeza, nesta solidão do espírito. Fr. Bermudo!... Violante... oh! estes dois nomes encontram-se às vezes nesta lide maldita do meu pensamento, e esse encontro faz-me gelar toda a fé, mata-me toda a força... Se em mim há força ainda: que não há... Não há de certo. Eu já não vivo, que me senti morrer corpo e alma, quando de todo me vi separado dela. Até aquela agitação convulsiva da desesperação acabou em mim... Já não tenho ódio... e nem sei mesmo se ainda tenho amor! *(Pausa)* Morri de todo e para sempre.

CENA III

D. Mendo, e Fr. Bermudo.

FR. BERMUDO

Não percas assim o ânimo, Mendo.

D. MENDO

Bermudo!... E ela?!

FR. BERMUDO

Sempre a mesma.

D. MENDO

Tem padecido muito?...

FR. BERMUDO

Tem... muito.

D. MENDO

E tem falado de mim? Tem-se lembrado... do que já acabou.

FR. BERMUDO

É um anjo, que não sabe senão amar; que não pode esquecer o seu amor.

D. MENDO

Olha... diz-me a verdade... que quer ela fazer!

FR. BERMUDO

Não te posso dizer... Sei só, que nunca baixou à terra alma, que mais soubesse sentir, alma capaz de maiores sacrifícios!

D. MENDO

Conta-me o que se passou. Viste-a? Que te disse?

FR. BERMUDO

Quando há uma hora sai daqui fui logo direito à pousada de D. Pedro Framariz. Procurei a aia de Violante, que me levou ao

oratório, onde esta se fechara... para pedir, o que a todos nós vai faltando... forças para padecer.

D. MENDO

E Violante estava...

FR. BERMUDO

De joelhos, pálida, móbil, com os olhos erguidos ao céu, o corpo dobrado pelo peso da dor, a boca semiaberta como se a oração ao sair já fria e sem alento num último suspiro, se lhe houvera petrificado nos lábios.

D. MENDO

Morta?...

FR. BERMUDO

Morta, não. Violante estava viva ainda; sem dar quase outro sinal de vida, a não ser o lento baixar dos olhos sobre mim, e o murmurar baixinho das palavras; numa voz suave e angustiosa, Violante perguntou-me o que eu ia ali fazer? Se eu, se alguém ainda se lembrava dela?

D. MENDO

Se me lembrava dela?

FR. BERMUDO

Falei-lhe só de ti, porque só assim me queria ouvir. Que dor a da pobre Violante! E não há, não há remédio, para dores, como aquelas... Oh! os homens que têm descoberto tanto segredo da matéria, não puderam compreender ainda nem um dos mistérios do espírito, não puderam ainda curar nenhuma dessas enfermidades agudas, a que chamam paixões. — São tudo sonhos, são tudo ilusões na terra; mas sonhos, mas ilusões, que matam.

D. MENDO

A desgraça é uma realidade!

FR. BERMUDO (*tranquilo*)

Escuta. — A desgraça é uma provação da alma, que a deve robustecer; que lhe deve dar essa grandeza, sinal da sua imortalidade. É tempo de voltar para o céu esses teus pensamentos, que ainda não soubeste desprender das cousas mundanas. — Daqui a uma hora professarás. É necessário, filho, que o novo cavaleiro do templo seja digno do seu elevado ministério, esteja pela fé à altura destes tempos de dura provação, de luta permanente porque a igreja de Cristo está passando neste século.

D. MENDO

Não posso, Fr. Bermudo, parece-me que não posso pensar senão em Violante. Mas vou ver se pela oração consigo elevar a minha alma até essas alturas sublimes, donde se perdem de vista as misérias do mundo. (*Vai lentamente ajoelhar diante do altar*)

FR. BERMUDO

E se ele conhecesse, como eu, toda a grandeza, da nossa desventura! Se ele estivesse nesta dúvida tremenda, em que o meu espírito vacila agonizante; ora persuadido de que cumpria um dever, ora aterrado pelo mais cruel remorso, que homens tem sentido! — Violante ainda vive, mas daqui a uma hora... — Eu devo ir arrancar-lhe das mãos aquele veneno; para que ela não morra! Mas que importa?... Ela quer morrer, e bem sei que vontades poderosas, resoluções firmes como a sua não as vence nem a persuasão, nem a força! — Ainda há pouco lhe falei, lhe pedi pelas cousas mais sagradas da terra, e do céu, pelo amor e pela religião, que não cedesse à triste tentação que a arrasta, à fascinação que a cega... respondeu-me só que amava e queria morrer pelo seu amor.

(*Neste instante entra Violante pela direita, e aproxima-se de Fr. Bermudo, sem que D. Mendo a veja*)

CENA IV

Os mesmos, D. Violante.

D. VIOLANTE

Fr. Bermudo.

FR. BERMUDO

Violante!

D. VIOLANTE

Eu não podia morrer sem o ver uma vez ainda... por isso vim. É um instante; o tempo de lhe dizer que ainda o amo.

FR. BERMUDO

Mas agora, se viessem os templários, os cavaleiros, Violante...

D. VIOLANTE

Em eles vindo, vou-me eu. Não me verã. Ide, Fr. Bermudo, deixai-me um instante só com Mendo.

FR. BERMUDO

É tornar ainda mais angustiosa esta horrível separação...

D. VIOLANTE

Eu tenho forças; sinto em mim uma força sobrenatural. Ide — Deixai-nos.

FR. BERMUDO (*à parte*)

Ainda mais esta dor, meu Deus!

CENA V

D. Violante, D. Mendo, no fim Fr. Bermudo.

D. VIOLANTE (*com muita doçura*)

Mendo, Mendo... Não me sentes aqui, Mendo?

D. MENDO (*que escutou um instante a voz de Violante, e depois se voltou subitamente, e a viu — indo para ela*)

Violante! Minha Violante! — Então esta dor, esta separação, era tudo um engano. — Estás aqui, minha Violante!!...

D. VIOLANTE

Estou aqui para te dizer adeus para sempre; para te pedir que perdoes...

D. MENDO

Perdoar... o que, o que hei de eu perdoar?

D. VIOLANTE

Fui eu que te fiz infeliz com o meu amor. — Mas não sabia, Mendo, eu não conhecia essa tenebrosa história — Perdoa-me... perdoa a meu pai também. Eu não quero, não posso ficar com um remorso destes na consciência. — Quero morrer em paz.

D. MENDO

Morrer?

D. VIOLANTE

Sim, quando eu morrer, quando for a vontade de Deus que esta minha vida tenha fim, não quero que venha um pensamento fúnebre, a ideia de um crime não perdoado perturbar a minha última oração. — Quem sabe se Deus me perdoará?

D. MENDO

Quem te não há de perdoar? O que há que perdoar a um anjo tão puro como tu?

D. VIOLANTE

Mendo, eu bem sei que a honra da tua família foi ofendida: e que há ofensas que um cavalheiro da tua linhagem não deve deixar sem vingança... É assim que pensam os homens; mas Deus condenou a vingança como um crime abominável: e tu, Mendo, daqui a pouco vais professar numa ordem, instituída para servir a Deus. — Mendo, pela religião... e pelo nosso amor que foi deixa-me falar-te ainda uma vez desta felicidade que já passou — pelo nosso amor tão

suave para mim, e para ti também, Mendo, peço-te por esse amor que perdoes, que esqueças, que te não vingues do pai da tua Violante.

D. MENDO

Violante, eu... sabes como te amei, sabes como te quero ainda; que esta separação não é angústia só, é a morte para mim! — Escuta, minha Violante. — Não sei se meu pai me amaldiçoará da sepultura; mas faz-me horror a ideia de odiar teu pai; e vingar-me dele por minhas mãos, não o hei de fazer nunca.

D. VIOLANTE

E perdoas-lhe?

D. MENDO (*depois de uma pausa*)

Perdoo.

D. VIOLANTE

Bendito seja Deus, que me dá esta consolação numa tão grande dor?

D. MENDO

Minha mãe é que lhe não perdoa.

D. VIOLANTE

Era o teu perdão, que eu desejava, Mendo. Não podia suportar a ideia que, entre ti e meu pai, se levantasse esse lívido e sangrento espectro da vingança. — E a mim também me perdoas? Se ainda, por minha causa, padeceres uma grande dor, perdoas-me?

D. MENDO

Não te perdoo só, amo-te... hei de amar-te sempre, hei de morrer amando-te.

D. VIOLANTE

Deus não há de ser menos misericordioso do que tu. — Mendo, ainda havemos de ser felizes!

D. MENDO

Ai, não pode, isso não pode ser. Felizes, nunca.

D. VIOLANTE

Em outro tempo, em outro lugar; longe deste tenebroso mundo, muito longe destas paixões da terra, havemos de ser felizes. — Eu vi, Mendo, esta noite antevi a nossa felicidade futura. — Era um paraíso. (*Ouve-se uma música de órgão e um coro, muito ao longe até ao fim da cena*) Um campo todo de flores maravilhosas, com um perfume inebriante; um lago coberto de diamantes, de uma serenidade e formosura sem igual no mundo; sobre o lago nuvens, em que o ouro e a purpura se misturavam com a luz rosada da mais bela aurora; e do céu resplandecente, cintilante, baixavam, flutuando brandamente, anjos que vinham pousar sobre as graciosas nuvens. Depois, vozes sobrenaturais as vozes dos anjos em divino coro, pediam a Deus pela nossa felicidade; e o meu e o teu nome, Mendo, subiam assim até ao trono do Eterno.

D. MENDO

Foi um sonho, e o sonho até se pode realizar.

D. VIOLANTE

Não foi sonho, Mendo, foi uma visão celeste, uma divina promessa. Naquela hora tudo eram puras alegrias diante de mim; e no meu coração tudo eram orações fervorosas, e ardentes esperanças.

D. MENDO

Que esperanças podemos nós ter ainda?

D. VIOLANTE

Deus quer a nossa união, apesar dos agouros, das negras paixões, dos crimes, das vinganças dos homens. — Na terra não podemos ser unidos, sê-lo-emos no céu!

D. MENDO

E quando, quando, minha Violante, terão fim estas angústias do existir? Violante, amo-te; nesta hora amo-te mais do que nunca te

amei. E é agora, que nos vamos separar para sempre! Esta deve ser a única vez, que nos vejamos; estas devem ser as nossas últimas palavras de amor. Amo-te, amo-te, Violante.

D. VIOLANTE

O amor mata, aqui na terra; mas no céu é a eterna alegria. — Mendo, deixa-me repetir também essas palavras, em que se resume a minha vida toda! — Amo-te, amo-te.

Fr. BERMUDO (*aparecendo à porta do fundo*)

Os cavaleiros do templo já estão reunidos na igreja.

D. MENDO

Violante!

D. VIOLANTE

Mendo, adeus! — Adeus para sempre!

(Cai nos braços de D. Mendo beija-o, e sai correndo pela porta da direita. Ouve-se depois a voz de Violante, já fora de cena repetindo, “ Adeus!... adeus!” — A música do órgão acaba logo depois)

CENA VI

D. Mendo e Fr. Bermudo.

FR. BERMUDO (*detendo d. Mendo*)

Deixa-a ir só.

D. MENDO

Quero vê-la... Não me posso separar dela ainda.

FR. BERMUDO

De que te serve prolongar por mais tempo esta angústia? O momento mais doloroso passou para ela, já agora: e daqui a um instante vir-te-ão buscar os templários.

D. MENDO

Mas deixá-la assim! — Bermudo, aquele adeus foi um como grito de extrema dor, que me aterrou. Naquele sonho de felicidade, naquelas esperanças de alegria de Violante, havia não sei o quê de sinistro, como a morte. Naquele espírito angélico há um pensamento de crime, há naquela alma a presciência do remorso.

FR. BERMUDO

Deixa-a morrer com o seu sonho do céu.

D. MENDO

Morrer!

FR. BERMUDO

A morte é o termo do padecer.

D. MENDO

Que dizes?

FR. BERMUDO

A alma de Violante é já de um outro mundo, o seu corpo em breve será dos elementos.

D. MENDO

Meu Deus! Que quer isso dizer? Não posso compreender.

FR. BERMUDO

Uma paixão destruiu nela a vida do espírito; e a morte porá em breve termo à vida corporal.

D. MENDO

Pois ela, Violante ousará atentar contra a própria vida?

FR. BERMUDO

A infeliz não tem força, não tem ânimo para suportar o seu martírio. Ela vê na morte só a paz, e a passagem para um mundo melhor; por que na sua alma pura, nada lhe faz recear o eterno julgamento.

D. MENDO

Violante morrer! — E como há de ela morrer?

FR. BERMUDO

Ontem, Mendo, a desventurada Violante veio aqui ao convento, e pediu-me, pelo que para mim existe de mais sagrado, que lhe desse um veneno, para ela não padecer longas dores na hora do passamento.

D. MENDO

E tu deste-lhe o veneno?

FR. BERMUDO

Dei!...

D. MENDO

Tu! — a vingança levou-te a um tal crime. — Vingaste-te sobre uma inocente...

FR. BERMUDO

A vingança... esqueci-a por ela. Tu bem o sabes, Mendo.

D. MENDO

O ciúme...

FR. BERMUDO

Um amor como este meu, é como à imensidade do deserto; as tempestades atravessam-no rugindo medonhas e ferozes, os vulcões ardentes passam revolvendo as areias, cavando abismos, cobrindo com montanhas os restos de antigas cidades; mas toda essa desordem tremenda perde-se, torna-se pequena naqueles espaços infinitos; e depois fica tudo árido, morto, imóvel como dantes. — Oh! o ciúme foi como a tormenta do deserto, passou através da imensidade deste amor, revolvendo-me o mais íntimo do coração, sem que eu mesmo possa ver já as ruínas que deixou após si. Não

foi o ciúme, foi a piedade, foi uma grande dor de coração, um puro e santo dó desse padecer, que a consumia.

D. MENDO

Dó! Piedade! E mataste-la! Corre a salvá-la, se ainda é tempo. — Não vás... Vou eu.

FR. BERMUDO (*detendo-o*)

Não, não vás. É uma crueldade. E, de mais, é tarde: agora já ela terá tomado o inexorável veneno.

D. MENDO

E se ela está envenenada não haverá meio de a salvar?

FR. BERMUDO

Quando a morte penetra o santuário da vida, quando estende o poder até sobre a luz do espírito, só um milagre pode vencer o seu poder.

D. MENDO

Palavras... palavras! És um louco, Bermudo, sem coração nem consciência. Vai, vai já, e salva-a. Essas palavras insensatas que dizes, não te podem justificar. És um assassino, Bermudo, se a não salvas. (*A D. Gontrade, que aparece à porta, pálida e cadavérica*) — Oh! Vinde... Vinde, minha mãe... Vinde também pedir por ela, a este homem, Violante morrerá se ele a não salva.

CENA VII

Os mesmos e D. Gontrade.

D. GONTRADE

Salva-a!... e a ele também! salva-os a ambos Fr. Bermudo. É preciso perdoar tudo, perdoar a todos, para que Deus nos perdoe também.

FR. BERMUDO

Vós perdoais, senhora, como eu perdoei já; e não deveis pedir a vida de Violante, porque a morte é para ela o descanso; a eterna paz.

D. GONTRADE

Deixá-la morrer!... Pois que tem ela?! Quem a quer matar?!

D. MENDO

Foi ele, esse homem cruel, esse homem sem coração... foi ele que lhe deu o veneno... e que a não quer salvar agora.

D. GONTRADE

Ide, meu irm... ide, homem; salvai Violante, se ainda é tempo. — Sou eu que vo-lo peço nesta minha última hora. (*Caindo de joelhos*) Salvai-a, e uni-os um ao outro, estes dois inocentes, que se amam... Que seja tudo esquecido, porque ele, lá do túmulo, já perdoou. Vou morrer... Fazei Mendo e Violante felizes. Salva-os pela minha alma! Salvai-os para que Deus, me perdoe.

FR. BERMUDO

É tarde. A esta hora talvez, Violante não exista já... — Disseram-no os astros, e os astros não mentem... (*Sai*)

CENA VIII

D. Mendo, e D. Gontrade.

D. GONTRADE

Meu Deus, piedade!... Salvai-a, senhor!

D. MENDO

Salvai-a!... (*Vai para sair*) Oh! Quero vê-la... Não quero que morra sem que eu morra também com ela!

D. GONTRADE (*levantando-se*)

Meu filho, ouvi... escuta-me, meu querido Mendo, não me deixes agora... Não me deixes aqui só: Sinto que vou morrer, e tenho

necessidade de ti... quero beijar-te ainda como quando tu me julgavas inocente.

D. MENDO (*segurando-a nos braços*)

Que tendes, minha pobre mãe?! Como estais pálida!... Que martírio é este meu, Senhor.

D. GONTRADE

Não é nada... é a morte... é o descanso se Deus me perdoar. Meu filho, meu filho, eu cometi um grande crime, mas se tu me perdoares, Deus perdoar-me-á também. Perdoa, filho, perdoa a tua mãe, que vai morrer!

D. MENDO

Vós também minha mãe, ides deixar-me! Todos me abandonam!... fico só, só com esta dor no mundo!

D. GONTRADE

Ai, Mendo, se eu visse cumprido antes de expirar o sonho do meu delírio! Que sonho tão belo, meu Deus! Que visão consoladora!... Vi-o, a ele, a teu pai, cercado das glórias infinitas do céu... Não ameaçava já, abençoava... Não me olhava com cólera, sorria-se com brandura e piedade! Senti uma alegria infinita derramar-se no meu espírito... Acompanhava-o um anjo; e disse-me estas palavras divinas: "Perdoa, como eu te perdoar... Este anjo, é o anjo da guarda do nosso filho... faz feliz o nosso amado filho, o nosso querido Mendo."

D. MENDO

E o anjo...

D. GONTRADE

O anjo era Violante. Violante à o teu anjo da guarda!

D. MENDO

E o meu anjo deixou-me... para sempre me abandonou o meu anjo da guarda!

D. GONTRADE

Na terra, talvez; no céu, não te abandonará de certo.

D. MENDO

Vou... Deixai-me-ir, minha mãe. Vou procurar Violante.

D. GONTRADE

E deixas-me aqui morrer só!?

D. MENDO

Vamos rezar por ela, ao menos — pedir ao céu que no-la salva.

(Caem ambos de joelhos)

D. GONTRADE *(levantando as mãos ao céu)*

É esta a minha última oração... que ao menos esta seja ouvida por vós, Senhor!

D. MENDO

Virgem Maria, esplendor de eterna glória, luz que faz desaparecer todas as trevas do coração, dá asas a minha alma para subir ao teu trono, a pedir-te vida, vida para ela... Salvai-a, Senhora Nossa! *(Ouve-se um coro religioso entoando o Dies irae)* Oh! São os cânticos da morte, que respondem a esta nossa oração, minha mãe!

D. GONTRADE

São tremendas aquelas palavras; são palavras que gelam de pavor a quem vai morrer.

CENA IX

Os mesmos, os templários e depois D. Violante, e Fr. Bermudo.

UM TEMPLÁRIO

É a hora, cavaleiro D. Mendo pais de vos unirdes à Santa Ordem do Templo, para nos ajudar a defender, e a fazer adorar por toda a terra a Cruz do Redentor. — O mestre dos templários espera por vós.

D. MENDO

Esperai; esperai!... ainda não!., ainda não!

D. VIOLANTE (*fora*)

Mendo! Mendo!

D. MENDO

Violante!... Viva! ainda viva!

D. VIOLANTE (*caindo nos braços de D. Mendo*)

Mendo, aqui estou... sou tua... já sei tudo! Mendo... estou viva para te amar! (*Mostrando Fr. Bermudo*) Salvou-me ele.

D. GONTRADE

Agora já posso morrer. — Filho... filhos, adeus.

(*Cai por terra Mendo e Violante correm a D. Gontrade. — Os templários aproximam-se*)

FR. BERMUDO

Serão felizes, eles... Só para mim os astros não mentiram.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com